

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**  
**EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**A CONTRIBUIÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO PARA**  
**APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA: ESTUDO**  
**DIAGNÓSTICO SOBRE O ENSINO PÚBLICO DE NÍVEL**  
**MÉDIO NO MUNICÍPIO DE CRATO (CE)**

**IVANILDO FERREIRA DOS SANTOS**

**2019**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**A CONTRIBUIÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO PARA APRENDIZAGEM  
DE GEOGRAFIA: ESTUDO DIAGNÓSTICO SOBRE O ENSINO  
PÚBLICO DE NÍVEL MÉDIO NO MUNICÍPIO DE CRATO (CE)**

**IVANILDO FERREIRA DOS SANTOS**

*Sob a Orientação do Professor*

**Dr. Tiago Badre Marino**

*e Co-orientação do Professor*

**Dr. Antônio Carlos de Souza Abboud**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ**  
**Fevereiro de 2019**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S237c SANTOS, IVANILDO FERREIRA DOS , 1958-  
A CONTRIBUIÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO PARA APRENDIZAGEM  
DE GEOGRAFIA: ESTUDO DIAGNÓSTICO SOBRE O ENSINO PÚBLICO  
DE NÍVEL MÉDIO NO MUNICÍPIO DE CRATO (CE) / IVANILDO  
FERREIRA DOS SANTOS. - 2019.  
40 f. : il.

Orientador: Tiago Badre Marino.  
Coorientador: Antônio Carlos de Souza Abboud.  
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em  
Educação Agrícola, 2019.

1. Livro Didático. 2. Metodologia. 3. Recursos. 4.  
Ensino de Geografia. 5. Conteúdo e Aprendizagem. I.  
Marino, Tiago Badre , 1982-, orient. II. Abboud,  
Antônio Carlos de Souza , 1960-, coorient. III  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola. IV. Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**IVANILDO FERREIRA DOS SANTOS**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 06/02/2019.

---

Tiago Badre Marino, Prof. Dr. UFRRJ

---

Rosa Cristina Monteiro, Profa. Dra. UFRRJ

---

Jorge Xavier da Siva, Prof. Dr. UFRJ

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por mais uma etapa concluída em minha vida, pois sem ele todo o esforço seria em vão, por isso registro aqui minha gratidão pelo milagre da vida e pelas bênçãos derramadas durante a minha trajetória;

À minha esposa Elionita e minha filha Samile pelo carinho nos momentos difíceis, pelas palavras de incentivo e a compreensão pela falta de tempo e atenção, agradeço principalmente pelas orações;

Agradeço ao professor Dr. Tiago Badre Marino por aceitar orientar meu trabalho, pela perseverança, paciência, dedicação e ensinamentos para que eu pudesse ter confiança e segurança na realização desta pesquisa;

Agradecimento extensivo ao professor co-orientador, Dr. Antônio Carlos de Souza Abboud por sua contribuição e empenho para o desenvolvimento da pesquisa. Quero agradecer a colaboração do professor Dr. Jorge Xavier da Silva pelos os incrementos construtivos agregados a minha pesquisa;

Esses anos com muito estudo e dedicação, percebemos que temos grandes dádivas: o convívio entre pessoas, a partilha de alegrias e a troca do maior bem do mundo, o conhecimento.

## EPÍGRAFE

*“Livros são os mais silenciosos e constantes amigos;  
os mais acessíveis e sábios conselheiros; e os mais  
pacientes professores.”*

(Charles W. Elliot)

## RESUMO

SANTOS, Ivanildo Ferreira. **A Contribuição do Livro Didático para Aprendizagem de Geografia: Estudo Diagnóstico sobre o Ensino Público de Nível Médio no Município de Crato - CE.** 2019. 40f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.2019.

O professor, na prática educacional, busca na diversidade de recursos disponíveis suporte no livro didático. Esse de fundamental relevância no processo de ensino e aprendizagem, além de ser disponível a todo alunado. Porém o livro didático deve ser utilizado como um dos recursos a serem explorados no convívio docente e não o único. Diante deste contexto, esta pesquisa tem por objetivo analisar o papel e a efetividade da utilização do livro didático como instrumento para aprendizagem de Geografia no sistema de ensino público. De acordo com esses fatos, nota-se que o professor possui poder mediador de selecionar a melhor forma de aproveitamento desse recurso, pois, durante as experiências vivenciadas, foi possível desenvolver aulas que usaram esse instrumento atrelado com outras metodologias e recursos que colaram com o processo ensino-aprendizagem. Desta forma, é tarefa do professor identificar e selecionar a melhor metodologia para o aproveitamento desse recurso, contextualizando a teoria com a realidade empírica do aluno, facilitando assim uma melhor aprendizagem.

**Palavras-chave:** Livro Didático, Metodologia, Recursos, Ensino de Geografia, Conteúdo e Aprendizagem.

## ABSTRACT

SANTOS, Ivanildo Ferreira. **The Contribution of the Didactic Book for Geography Learning: Diagnostic Study on the Public Education of Middle Level in the Municipality of Crato - CE.** 2019. 40p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.2019.

The teacher in educational practice seeks in the diversity of resources available support in the textbook. This is of fundamental relevance in the teaching and learning process, in addition to being available to all students. However, the textbook should be used as one of the resources to be explored in the teaching community, not the only one. In this context, this research aims to analyze the role and effectiveness of the use of textbooks as a tool for learning Geography in the public education system. According to these facts, it is noted that the teacher has mediating power to select the best way to take advantage of this resource, because during the lived experiences it was possible to develop classes that used this instrument linked with other methodologies and resources that adhered to the teaching process -learning. In this way, it is the teacher's task to identify and select the best methodology for the use of this resource by contextualizing the theory with the empirical reality of the student, thus facilitating a better learning.

**Keywords:** Didactic Book, Methodology, Resources, Geography Teaching, Content and Learning.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Teodorico Teles Quental. Fonte: autor.....	18
<b>Figura 2.</b> Escola Polivalente Governador Adauto Bezerra. Fonte: autor.....	18
<b>Figura 3.</b> Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Fonte: Livro Geografia em Rede, Volume 1 (2016).....	24
<b>Figura 4.</b> Projeto da Integração do Rio São Francisco. Fonte: Ministério da Integração Nacional (2018). .....	25
<b>Figura 5.</b> Bioma caatinga. Lajedo Pai Mateus, no município de Cabaceiras (PB).....	26
<b>Figura 6.</b> Portos Fluviais e Marítimos no Brasil. Fonte: Agência Nacional de Transportes Aquaviários. Fonte: Livro Geografia em Rede, Volume 2(2016).....	27

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1.** Você acha que a disciplina de Geografia é mais decorativa e não precisa compreender o conteúdo, somente decorar o assunto para a prova?..... 20
- Gráfico 2.** O livro didático que você usa é suficiente para entender Geografia? ..... 21
- Gráfico 3.** Como aluno da disciplina de Geografia, o conteúdo do livro didático é suficiente para que você conheça a Geografia da sua região? ..... 22

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNE	Conselho Nacional de Educação
DCNs	Diretrizes Curriculares Nacionais
ENADE	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FNDE	Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação
LD	Livro Didático
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LDBN	Lei de Diretrizes e Bases Nacional
MEC	Ministério da Educação
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNLA	Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático
PNALD	Plano Nacional de Avaliação dos Livros Didáticos
PNLEM	Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio
PNLDEB	Programa Nacional do Livro Didático para Educação Básica
SEB	Secretaria de Educação Básica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
1.1	Motivação .....	2
1.2	Justificativa.....	3
1.3	Objetivos.....	3
1.3.1	Objetivo Geral .....	3
1.3.2	Objetivos Específicos .....	4
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>5</b>
2.1	Livro Didático de Geografia e o Espaço Escolar .....	5
2.2	Percurso Histórico da Disciplina e do Livro de Geografia no Brasil .....	5
2.3	O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).....	8
2.3.1	Políticas Públicas do Livro Didático .....	9
2.4	A Geografia e o Espaço Escolar na Construção do Livro Didático de Geografia....	13
2.4.1	Alunos e Professores em Relação ao Livro Didático de Geografia .....	13
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
3.1	Inserção na Pesquisa.....	17
3.2	Lócus da Pesquisa.....	17
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>19</b>
4.1	Perfil dos Participantes da Pesquisa: Docentes e Alunos das Escolas Investigadas na Cidade do Crato (CE) .....	19
4.2	Percepção dos Gestores, Professores e Alunos sobre o Processo de Ensino (Transmitido pelo Professores) e Aprendizagem (Percebida pelos Alunos) .....	23
4.3	Análise Programática dos Livros Didáticos de Geografia Adotados nas Escolas Pesquisadas .....	23
4.3.1	Escola Estadual Teodorico Teles de Quental (EEFM).....	23
4.3.2	Escola de Ensino Fundamental e Médio de Tempo Integral Governador Aduato Bezerra (EEFMTI) .....	27
4.3.3	Percepção Pessoal sobre os Aspectos Geográficos Locais Abordados no Ensino Superior da Região do Crato .....	28
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES E PROPOSTAS.....</b>	<b>30</b>
5.1	Proposta de Redação de um Livro Didático sobre o Nordeste Brasileiro .....	31
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>
<b>7</b>	<b>apêndice.....</b>	<b>38</b>
	Apêndice A - Questionário de Pesquisa Aplicado aos Alunos .....	39

# 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, desde os jesuítas até hoje, os materiais escolares estiveram no centro de debates sobre a escola, por isso eles são fontes materiais que nos permitem compreender as propostas feitas para as práticas em sala de aula. Entre essas fontes, na atualidade, está o livro didático de Geografia.

Com o tempo, inovações metodológicas foram incorporadas ao ensino de Geografia, como debates em sala de aula, aulas de campo, estudos do meio, seminários temáticos, assim como também os recursos tecnológicos que chegam à escola a partir do século XXI e tendem a auxiliar consideravelmente o trabalho do professor dentro e fora da sala de aula, facilitando a aprendizagem dos estudantes, contribuindo para a possibilidade de não ver e ter o livro didático de Geografia como único recurso didático em sala de aula (PINA, 2009, p.15).

É fundamental que o livro didático atenda aos objetivos estabelecidos pelo professor em sua proposta de ensino e, também, às características do grupo de alunos e a realidade onde trabalha. Neste ensaio, destacamos a política do livro didático no Brasil e no contexto do livro de Geografia.

Atualmente, a ampla produção cultural disponibiliza múltiplas linguagens a serem utilizadas como auxiliares na compreensão e na análise do espaço geográfico. Não obstante, os livros didáticos continuam a ser o grande referencial na sala de aula para alunos e professores das escolas públicas e privadas do país, embora sejam utilizadas de formas variadas, às vezes, permitindo que o aluno faça uma reflexão sobre o espaço e outras vezes, trabalhando com a Geografia de modo tradicional e reflexiva (PONTUSCHKA, 2007).

A escolha dos livros é feita pelos professores das escolas públicas de todo o país, por meio do guia do livro didático, onde têm a oportunidade de selecionar os livros de sua preferência para serem trabalhados pelo período de três anos. Sendo assim, o livro eleito somente poderá ser substituído por outro livro no próximo Programa Nacional do Livro Didático - PNLD.

No processo de escolha do livro, dois títulos podem ser sugeridos pelo grupo de professores responsável por cada disciplina curricular. Caso a primeira opção não seja viabilizada junto aos autores e a editora, a segunda alternativa será negociada. Os professores de uma mesma disciplina precisam chegar a um consenso sobre a melhor opção de livro, pois a mesma obra valerá para toda a escola.

Além do PNLD, o Governo Federal executa outros dois programas relacionados ao livro didático para prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do programa “Brasil Alfabetizado”<sup>1</sup>, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), criado em 2004 e o Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de jovens e adultos (PNLA), criado em 2007.

Neste contexto, a força do processo de ensino recai na “comissão de especialistas”, que intervinha diretamente no currículo efetivo através da tecnologia educacional disponível. Reforça Saviani:

[...] o elemento principal passa a ser organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno na posição secundária, relegados que é a condição de executores de um processo, cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos e imparciais. A organização do processo converte-se na garantia da eficiência, compensando, corrigindo as deficiências do professor e maximizando os efeitos de sua intervenção. (SAVIANI, 1995, p.24)

---

<sup>1</sup> Programa Brasil Alfabetizado - <http://portal.mec.gov.br/programa-brasil-alfabetizado>

Segundo Paro (2001), “nossos alunos não são extraterrestres, não precisam da ciência e da escola para apropriar-se do mundo dos sentidos, porém dependem do acervo cultural acumulado para compreender o mundo vivido porque hoje é assim e não de outra forma. Porque hoje, aqui e agora alguns têm acesso às conquistas históricas da humanidade e outros não”. Ainda, segundo Paro:

[...] Não precisa tirar um milímetro do currículo que aí está, mas, por favor, não minimizem aquilo que é a nossa própria vida, o nosso próprio exercício na condição de humano. Precisamos pensar em métodos que não sejam tão retrógrados como os que estão por aí, se a criança só aprende se quiser levá-lo a querer. Para isso é preciso saber mais sobre psicologia, sobre antropologia, sobre sociologia, sobre história, sobre pedagogia de um modo geral, sobre todas as ciências que dão subsídio à educação e nos deixam didaticamente preparadas para lidar com a criança ou com o ser humano em desenvolvimento. (PARO, 2009, p.19)

De acordo com o Guia de Livros Didáticos de Geografia, proposto pelo MEC, o livro didático de Geografia “não deve se constituir no único material de ensino em sala de aula, mas pode ser uma referência nos processos de ensino e aprendizagem que estimule a curiosidade e o interesse para a discussão, a análise e a crítica dos conhecimentos geográficos” (BRASIL 2008, p. 09). Essa concepção do uso do livro didático trazida pelo Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é a que está sendo divulgada e aceita por vários profissionais da educação no Brasil.

Com esse mesmo pensamento, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 343) afirmam que “o livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal”.

Esses elementos taxativos estão relacionados à questão dos conteúdos, que, em muitos casos, o livro didático não tem condições de abarcar com toda a sua complexidade, mas que seriam ultrapassados com facilidade pelo professor bem formado. Esse deve relacionar os conteúdos e as imagens com as diferentes linguagens e com o cotidiano de seus alunos, abrindo, dessa forma, um espaço de diálogo em sala de aula, afastando, assim, aquela “idéia” da verdade absoluta e completa que os livros didáticos, muitas vezes, trazem ou que são construídas na relação de ensino-aprendizagem.

É certo que o sistema educacional tem favorecido o aumento da qualidade da educação no Brasil, todavia, mesmo diante das propostas de mudanças de prática e das revoluções metodológicas vistas na atualidade, o livro didático ainda tem sido o recurso mais utilizado nas salas de aula do Brasil. Isso acontece devido a vários fatores e um dos principais é que o uso do livro didático já faz parte da cultura escolar. O modo de transmissão de conteúdos que se dá, via de regra, pela leitura de textos trazidos pelo livro didático, um outro fator verificado, é a defasagem na formação docente que limita o trabalho do professor ao simples uso do livro didático. É importante ressaltar que não é errado usar o livro didático de Geografia em sala de aula. O que se questiona é a forma como esse recurso está sendo utilizado.

## **1.1 Motivação**

O interesse em pesquisar sobre os livros didáticos de Geografia se originou a partir da longa experiência pessoal em atividades de regência nas escolas públicas e atividades de estágio supervisionado no município de Crato (CE).

Observando o desinteresse de alguns alunos pelo livro didático de Geografia, constatei que os educandos se interessavam mais por outras matérias do que pela Geografia. Talvez, pela forma como ela vem sendo conduzida – com base no tradicional método “*magister dixit*” (do latim “o mestre o disse”), carente de recursos mais interativos que possam despertar e fixar a atenção de um novo perfil do aluno: mais inquieto e facilmente disperso.

O professor, na prática educacional, busca, na diversidade de recursos disponíveis, apoio no livro didático. Sendo que esse deve operar como uma ferramenta de base para guiar o aprendizado. Entretanto, novas ferramentas e tecnologias podem ser aproveitadas para despertar o interesse de alunos em busca de um processo mais dinâmico e interativo.

O livro, ferramenta de fundamental importância no processo de ensino-aprendizagem, além de ser disponível a todo alunado, deve ser utilizado como um dos recursos a serem explorados no convívio docente e não o único. É a partir desta análise que objetivamos compreender e examinar duas coleções distintas de livros didáticos da área geográfica para que, através de uma análise crítica e construtiva, desvendem-se conteúdos descritivos, tendenciosos e que limitem os alunos a relacionarem o teórico com a realidade.

Desta forma, é tarefa do professor identificar tais elementos e conteúdos metodológicos, a fim de que o processo de ensino-aprendizagem não fique refém da reprodução do livro didático na sala de aula por ser um recurso disponível aos alunos. Afinal, o professor, como sujeito atuante no processo de aprendizagem, deve buscar métodos que auxiliam a transformação da realidade e contribua para a formação de cidadãos críticos capazes de interagir na sociedade.

É nesse contexto de criticidade que se insere o método dialético, como um procedimento que descortina as visões do espaço geográfico inserido pelo livro didático ou por qualquer outro instrumento metodológico que o professor utilize. Todavia, “a concepção de ensino e as práticas realizadas pelo professor certamente terão de ser diferenciadas conforme os objetivos se direcionam à internacionalização ou a conscientização” (CUNHA, 1989, p. 31).

Com o presente trabalho, pretende-se adquirir conhecimentos sobre os livros didáticos de Geografia, para, então, retransmiti-los aos discentes das escolas estaduais de nível médio da zona urbana do município de Crato (CE), analisando a importância do livro didático, quando aplicado de maneira adequada, no processo de ensino e aprendizagem nos dias atuais.

## **1.2 Justificativa**

A escolha do tema da dissertação toma por base uma análise sobre a utilização do livro didático de Geografia. O eixo principal deste trabalho faz parte de um contexto escolar, além do livro didático, o papel do professor e a estrutura do ambiente escolar juntamente com suas articulações e com o meio social onde a escola está inserida.

## **1.3 Objetivos**

### **1.3.1 Objetivo Geral**

Analisar o papel e a efetividade da utilização do livro didático como instrumento para o ensino e a aprendizagem de Geografia no sistema de ensino público do município do Crato - Ceará.

### **1.3.2 Objetivos Específicos**

- Realizar pesquisas semi-estruturadas junto a professores e alunos, a fim de evidenciar a percepção dos atores envolvidos no processo de ensino (dos professores) e aprendizagem (percebida pelos alunos);
- Realizar um diagnóstico do conteúdo programático dos livros didáticos adotados no ensino público de Geografia no município de Crato (CE) no que tange às abordagens temáticas compatíveis (ou não) com as particularidades da realidade ambiental da região geográfica;
- Identificar as influências metodológicas de autores e de seus respectivos livros didáticos na prática de professores do ensino de Geografia em sala de aula;
- Propor, com base no diagnóstico das pesquisas realizadas e no levantamento do “estado da arte”, métodos e técnicas didáticas contemporâneas que possam apoiar e promover a melhoria no processo do aprendizado de Geografia.



## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Livro Didático de Geografia e o Espaço Escolar

No processo de discussão teórico-metodológica da disciplina de Geografia a grande preocupação é norteada à prática docente. Nesse sentido, a inquietação repassa desde o planejamento de aula e direciona nas conversas entre professores, questionando até sobre a formação desse profissional como docente de Geografia.

Em outro panorama, o histórico das disciplinas escolares tem sido cada vez mais analisado por educadores, tendo como objetivo conhecer melhor as particularidades no processo de ensino-aprendizagem. Consequentemente, há um crescente número de estudos com enfoque no que se refere ao ensino no Brasil sob a perspectiva de uma única matéria escolar.

Fazer escola, ou seja, periodizar é realizar escolhas em relação ao destacar como significância na interpretação da realidade. Neste contexto, a periodização que é elaborada acompanha as transformações na escola e nos livros didáticos relacionados ao ensino da Geografia do Brasil. Assim, nesse sentido, três períodos ou tempos que considerando a consolidação da Geografia Escolar no Brasil (MELO; VLACH; SAMPAIO, 2017).

Essa situação faz com que o livro didático seja um ponto-referencial para nortear o roteiro do que é a disciplina de Geografia no Brasil, identificando períodos onde são analisadas as modificações e permanências de como se estuda no ensino básico (RIBEIRO, 2000).

O livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, no único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aulas (SILVA, 2012, p. 806).

### 2.2 Percurso Histórico da Disciplina e do Livro de Geografia no Brasil

Entretanto, foi somente no século XX que tal abordagem era feita no Brasil como um todo, através do professor do Colégio Pedro II, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, autor de livros didáticos no Brasil que se formou na França e trouxe ao debate em relação à Geografia Moderna Científica e Explicativa. Suas posições ofereceram contribuições relevantes para um campo novo na Geografia brasileira e a questão teórico-metodológica desta disciplina escolar já tinha sido consolidada como uma ciência na Europa (VLACH, 1988).

E nesse contexto, no ano de 1817, lançou-se o primeiro livro de Geografia do Brasil, denominado de “Corografia Brasílica” escrito pelo padre Manoel Aires de Casal, no qual descrevia uma Geografia de denominações e descrições “áridas” (ANDRADE, 1992).

A presença do ensino da Geografia na matriz curricular do Colégio Pedro II, foi fundamental na medida em que, ele seria uma referência na educação para todo o país, pois essa disciplina estando no currículo de um colégio tradicional e conceituado como o Colégio Pedro II daria visibilidade a ela, embora que esse ensino já aparecia em textos literários nas escolas jesuítas e posteriormente com a publicação do livro Corografia Brasílica. Sendo formalizada e unificada à Escola no Brasil através da fundação do Colégio Pedro II em 1837 e seu ensino em escolas, que desde então, fez-se parte dos conteúdos conceituais para todas as Reformas Educacionais Brasileiras, de 1889 até a atualidade, assim tornando uma disciplina obrigatória (HALLEWELL, 2005).

No decorrer do tempo, a Geografia iniciou modelos vigentes na sociedade, exemplificando, mnemônico, o ensino de enciclopédia, com listas de nomes para a serem decorados (PINHEIRO, 2005). No século XX, foi mantida, de modo geral, a mesma percepção quanto ao método de ensinar Geografia. Um exemplo é o livro de Cláudio Thomas “Geografia: curso elementar”, que surgiu em 1947, sendo composta por 390 questões de perguntas e respostas com a objetividade de decorar o conteúdo (SILVA, 2006).

Antes do advento da institucionalização da Geografia como disciplina acadêmica e ciência, com suas próprias pesquisas, quem era o produtor de pautas de discussão e entrava em relação à disciplina de Geografia eram os professores do Ensino Secundário. Em outro panorama, foram os autores dos livros didáticos, bons ou ruins, que popularizaram o Ensino da Geografia ao longo do século XIX ao início do século XX. (VLACH, 2004).

E contando que, desde essa época, as contribuições para a área teórico-metodológica passam cada vez mais pelo ambiente universitário. Pois, é a partir desses panoramas, depois do surgimento do livro didático se direcionou a outras dimensões (BITTENCOURT, 2000).

Analisando no início do século XX até a década de 60, houve predominância no uso dos livros didáticos, iniciado por Delgado de Carvalho, e conseguinte, por Aroldo de Azevedo. E esses manuais didáticos atendiam, precisamente, aos conteúdos programáticos do curso primário, no decorrer dos cinco anos letivos, da etapa do ginásial com quatro anos letivos, e/ou em outros cursos secundários três ou mais anos (AZAMBUJA, 2010).

Sendo o livro didático um recurso ainda muito utilizado na sala de aula das escolas brasileiras, possuindo outras relevâncias além da pedagógica, a cultural, na qual são reproduzidos os costumes e valores, como a importância política, pois o livro didático possui um essencial papel geopolítico, dado essa importância, de acordo com Freitag, Motta e Costa (1993). Os anos de 1960 a 1970 houve um controle dos Estados Unidos, mesmo dissimulado, nos livros didáticos brasileiros. Há também a relevância econômica, pois, para as editoras, o livro didático tem grande valor no mercado livreiro, mas ressaltando Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 339) “o grande comprador de livro didático é o governo federal”.

A vigência da Lei no 5.692/71 na qual foi homologado ensino de 1º grau em oito anos e o 2º grau com três anos, marcado como sendo um novo momento educacional em que se identificou uma variedade de manuais didáticos direcionados à matéria de Geografia. Mantendo o paradigma geográfico da Terra e do Homem, sendo já consolidado no momento anterior, contudo nesse novo período, o material didático tem o acréscimo de técnicas de estudos dirigidos providos de cadernos de exercícios, disposto para uso dos alunos. É ainda, nesse sentido, que algumas coleções didáticas têm a inclusão das transformações teóricas e metodológicas promovidas da discussão nomeada através do movimento da Geografia Crítica e sua renovação didática escolar (FERNANDES, 2005).

Contudo, essa organização curricular novamente foi modificada por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, nº 9.394/96. O 1º grau passou a ser denominado de Ensino Fundamental e que na atualidade é composto por nove anos letivos e o 2º grau denominado de Ensino Médio, com duração de três anos letivos. Nesse contexto, de mudanças no terceiro período, sendo iniciado na segunda década de 1990, com a preparação e publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Os livros didáticos tiveram uma nova vertente sendo construídos e avaliados, levando em consideração as bases curriculares através dos critérios estabelecidos por meio do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, constituído pelo Ministério da Educação (GOMES, 2000).

A produção científica, acerca da concepção de Geografia, passou por diferentes etapas, surgindo reflexões distintas em torno dos objetos e da metodologia do pensar e do fazer geográfico. De certa forma, tais reflexões foram influenciadas e ainda sofrem influência de muitas práticas da maneira de como ensinar (BITTENCOURT, 2000).

O estudo da produção geográfica do Brasil ressalta o que necessita expor duas questões básicas. A primeira é que a Geografia deve possuir metodologia particular a essa matéria. A segunda é definir o momento em que a Geografia passou a compor a base das disciplinas acadêmicas, o que formou um ramo específico de conhecimento e estudo científico. A Geografia pode ser localizada no primeiro instante no que acena às alocações do Estado, do Exército e também nas conjunturas curriculares da escola (ALBUQUERQUE, 2008).

Quando se relaciona a Geografia como disciplina escolar, a fundação do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, em que houve a inclusão da disciplina da Geografia, obteve ponto relevante nessa trajetória e o docente Delgado de Carvalho teve grande importância na inclusão dessa matéria na área do saber escolar. No segundo momento, a Geografia enfocou o ensino pelo surgimento do curso superior em análogo à fundação das Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia, do Departamento de Geografia (ALMEIDA, 2004).

Nesse momento, professores de origem Francesa, Pierre Monbeig, De Fontaines, influenciados fortemente pela escola de Vidal de La Blache, colaboram para perpetuar, no Brasil, o ensino da Geografia (BRASIL, 1998). É importante afirmar, nesse sentido, que a Geografia, acerca das preocupações fundamentais expostas nas temáticas transversais, identifica a seguir com aquele corpo de conhecimentos considerados questões emergenciais para se conquistar a cidadania (PESSOA, 2007).

O estudo da Geografia proporciona aos professores a possibilidade de compreenderem sua própria posição no conjunto que liga a sociedade e a natureza. Possui, também, uma posição muito clara a favor da democracia da escola, da convivência escolar e das propostas do que é estudado que tenha um paralelo com a que combinem com a área pluralizada da Geografia que se propõe (SAVIANI, 2008).

A Geografia Escolar, e essencialmente o ensino da Geografia do Brasil, tem acompanhado a formação do pensamento geográfico brasileiro, ressaltado desde o século XX, e a leitura dos livros didáticos promoveu o surgimento de práticas do ensino da matéria e concretizou o modelo da análise geográfica conceituada no estudo da Terra, do homem e da economia. Nos períodos posteriores, indicam as modificações proporcionadas pela renovação da didática como também pela renovação das metodologias e teorias da Geografia (CASTELLAR; VILHENA, 2011).

E observando as obras didáticas de Aroldo de Azevedo e Delgado de Carvalho para que os discentes aprendam a relação dos elementos geográficos da natureza e do grupo humano descritos nos temas regionais clássicos da ciência. Destacando, ainda, a finalidade de a Geografia Escolar ter contribuído para a identidade das pessoas com o território da Pátria, mesmo com a percepção da Pátria ideal e não real.

A elaboração, disseminação e utilização dos livros didáticos passam pelas definições referenciadas nos textos oficiais de conceitos curriculares e dos critérios já estabelecidos no Programa Nacional do Livro Didático para Educação Básica - PNLDEB. As transformações que podem ser consideradas com valor são averiguadas após 1980, requeridas tanto na análise da Geografia quanto na sua didática, através de uma contestação que oportuniza correntes da linha pertencente à Geografia Crítica (GOULART, 2011; CALLAI, 2014).

No Brasil, continua sendo pouco pesquisado relevantes fatos de ruptura em relação ao método de análise geográfico. No ensino que era marcado pelo paradigma da Terra e do Homem, o conteúdo e forma da Geografia do Brasil apresentavam harmonia com a função de formação patriótica das pessoas (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2004).

Quanto às reflexões promovidas pelo surgimento da Geografia Crítica no momento atual, a questão da identidade com o território da Pátria não é posta como prioridade para as vantagens hegemônicas do capitalismo internacional como também, globalizado. À Geografia

Escolar cabe, agora, cooperar na formação da concordância precisa para livre circulação dos produtos e capitais como também as informações numa escala mundial (BITTENCOURT, 2004).

A metodologia de análise geográfica e/ou de temática, revelada nesta obra, é adotada ao longo do século XX para a conceituação dos programas de ensino, e, em consequência disso, servindo para elaborar os manuais didáticos.

No segmento generalista, desenvolve-se, no início, a definição de fronteiras nacionais. Exibidos esses aspectos gerais, conseqüentemente, o estudo é pertinente com a natureza, através das temáticas como relevo, litoral, hidrografia, clima e recursos naturais, contendo as fontes de energia, os recursos do mundo animal, vegetal e mineral.

Relacionando o Estado, inclui-se o estudo da divisão política, informações relacionadas às principais cidades e a organização do governo a seus poderes legislativo, executivo e judiciário e, até das instituições públicas referentes à educação. No que refere à economia nacional, iniciaram-se suas apresentações e as condições gerais do solo na agricultura, as zonas de cultivo, tipos de produtos e a criação das indústrias manufatureiras, extrativistas, do comércio e, também, dos transportes.

Nesse panorama, Azevedo (1950, p. 7) afirma: “Quem percorrer suas páginas há de sentir que jamais procuramos esconder a realidade ou falsear os fatos; mas há de verificar, também, que as escrevemos dentro de um sentimento de profunda e absoluta confiança no papel que o Brasil vai representar em futuro não muito remoto. [...]”

No que concerne ao conteúdo de Geografia no que se relaciona à Geografia do Brasil Geral e Regional, averigua-se uma assiduidade do estudo do homem, da terra e da economia.

Apesar disso, modificou a qualidade na apresentação dos textos e das conjecturas de atividades. Dentre as transformações proporcionadas pela política neoliberal no sistema educacional, pode-se citar a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997, ambos originados pelo Governo Federal. Dentre as transformações que surgiram recentemente, pode-se alegar a criação das diretrizes para a educação de comunidades tradicionais brasileiras.

Referem-se os PCN's, Frigotto e Ciavatta (2003) configuram que o Ensino Fundamental passou por imposições dessas diretrizes e da promoção automática de discentes do ensino básico, por meio do sistema seriado de formação, o que favoreceu para a elevação das estatísticas oficiais, contudo não aumentou a aprendizagem desses alunos. Também é revelado que quando foram elaborados os PCNs não considerou décadas de discussões de educadores na área e foram também ignoradas as Diretrizes Curriculares elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2003).

Muitos professores transformam o livro didático em um resumo de informações, usando-o como principal meio de ensino e aprendizagem. A função do livro didático vai além da reprodução sem discussões e questionamentos dos temas propostos nele. “O uso do livro didático deveria ser um ponto de apoio da aula para que o professor pudesse, a partir dele, ampliar os conteúdos, acrescentando outros textos e atividades e, portanto, não o transformando no objetivo principal da aula” (CASTELLAR e VILHENA, 2011, p. 137).

Rocha (2014, p.191) ressalta que o currículo oficial da Geografia indica que é “o resultado de uma seleção intencional, cuja finalidade é a de produzir e reproduzir formas de consciência, que têm por finalidade manter o controle social, sem a necessidade dos dominantes recorrerem a mecanismos declarados de dominação”. Tal ponto de vista revela a relevância da escolha do livro didático e sua inserção por parte do professor nos debates em sala de aula acerca de temas que não são colocados no livro, mas que são essenciais e que fazem parte do processo contemporâneo da sociedade.

### **2.3 O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**

Para Souza (2014), o livro didático é um instrumento essencial para a efetividade do trabalho pedagógico por ser utilizado de maneira sistemática pelo professor e amplamente adotado como elemento básico na organização do trabalho docente, possuindo abrangência em todas as séries da educação básica brasileira. Sua constituição apresenta informações e conhecimentos que, intrinsecamente, expressam uma determinada concepção de sociedade.

O PNLD troca os livros nas escolas a cada três anos e a Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) é o responsável pela distribuição destes, os professores ficam intitulado para a escolha do livro, que deve ser feita com cautela e responsabilidade, pois será a base de formação dos alunos durante três anos.

A preocupação com a qualidade do livro didático é algo que está sendo debatido desde as diretrizes da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que em conjunto com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o PNLD procuram viabilizar o melhor produto para as escolas brasileiras, sendo assim têm-se levantado questionamentos sobre a aplicabilidade do livro didático nas escolas e sua efetividade.

### **2.3.1 Políticas Públicas do Livro Didático**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs interferem na gestão escolar, nos conteúdos curriculares, nos objetivos, nos processos avaliativos e nas estratégias de aprendizagem. Criticam os métodos pedagógicos tradicionais e se apresentam como um “antídoto” às velhas práticas educativas acusadas de reforçar a transmissão de conteúdos dissociados da vida.

Nessas críticas se insere o livro didático, como destacam os PCNs:

O livro didático é um material de forte influência na prática do ensino brasileiro. É preciso que os professores estejam atentos à qualidade, a coerência e a eventuais restrições que apresentam em relação aos objetivos educacionais propostos. Além disso, é importante considerar que o livro didático não deve ser único material a ser utilizado, pois a variedade de fontes de informações é que contribuirá para o aluno ter uma visão ampla do conhecimento. (BRASIL, 2000, p.113)

No Brasil, especificamente, o livro didático surge como orientação da formulação dos projetos pedagógicos escolares que acompanham a definição de uma política educacional brasileira do século XIX, tornando-se uma espécie de “bíblia” que servia para conduzir o trabalho do professor, assim como a maneira como esse conteúdo deveria ser ensinado.

“A partir da década de 1970, verifica-se uma preocupação crescente com a formulação de currículos oficiais, não que tal preocupação não existe anteriormente, mas o crescimento populacional brasileiro, o aumento de demanda pela escola pública, a ampliação da rede oficial de ensino, o crescimento rápido do sistema educacional sem uma proporcional qualificação de seus recursos humanos, aviltados pelo rebaixamento dos salários, tornou-se imperiosa a necessidade de um currículo mínimo que orientasse a ação docente no ensino fundamental e médio” (PONTUSCHKA e OLIVEIRA, 2004, p.297-298).

Um dos principais pontos que justificam a necessidade de operacionalização do currículo, passado através dos livros didáticos, seria a busca, através do alto investimento na escolarização, por um novo tipo de trabalhador, com uma qualificação flexível e que atenda as demandas em um ritmo cada vez mais acelerado, satisfazendo os novos interesses econômicos da época.

Os próprios indicadores de desempenho escolar, tomados pelas instâncias públicas governamentais, nos revelam que as mudanças curriculares, que há catorze anos movimentam os espaços escolares, não conseguem romper com os problemas que, historicamente, marcam a educação escolar no Brasil nem mesmo nos limites da sala de aula, mesmo quando o livro didático perde em importância em favor dos múltiplos meios didáticos, hoje disponíveis.

A julgar os interesses dos indicadores relacionados ao desempenho escolar, publicado pelas exigências governamentais, reveladores das modificações curriculares, há anos movimentam os espaços escolares, e não obtêm problemas que na história marcam a forma educacional no Brasil, nem mesmo nos limites da sala de aula, no contexto que o livro didático perde essencialidade no âmbito escolar em favor dos múltiplos fundamentos atuais pedagógicos disponíveis.

De grande repercussão, uma das políticas públicas brasileiras relevantes nas escolas é o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), sendo o programa mais antigo da distribuição de livros aos estudantes da rede pública de ensino no Brasil. Contudo, o Programa atual é coordenado pelo Ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria de Educação e do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

Para Sgnaulin (2012), em 2000 foi incorporada no PNLD a distribuição também de dicionários da língua portuguesa, direcionada para alunos de 1ª a 4ª série. E a partir de 2001, os livros didáticos passaram a ser entregues no ano anterior ao ano vigente à sua utilização..

Em 2002, a avaliação dos livros didáticos pelo PNLD passa a ser feita diretamente pelas universidades, com raras exceções, cabendo à SEB a coordenação geral do processo. No ano de 2003, o programa passa a distribuir dicionários de língua portuguesa aos alunos das 7ª e 8ª série. Começaram a ser distribuídos, também, Atlas Geográficos para as escolas que possuem Educação de Jovens e Adultos e para turmas de 5ª a 8ª série do ensino regular. Em 2004, iniciou-se o Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio, visando à universalização de livros, começando pelas regiões Norte e Nordeste.

E no ano de 2005, as demais séries e regiões do Brasil também foram atendidas. A partir de 2009, foram ditadas as regras de participação no PNLD com a publicação da Resolução nº 60, de 20 de novembro de 2009 que dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático para a educação básica. Em 2010, as redes públicas de ensino e as escolas federais passaram a ter obrigatoriedade de aderir ao Programa para receber os livros didáticos.

A Resolução nº 10, de 10/3/2011 altera a Resolução nº 60/2009. No ano de 2011, o FNDE adquiriu e distribuiu livros para o ensino médio, inclusive na modalidade Educação de Jovens e Adultos e livros de língua estrangeira (inglês e espanhol), além de livros de filosofia e sociologia, para serem usados em 2012 conforme previa a Resolução CD FNDE nº. 51 de 2009. (BRASIL, PNLD, 2011, p.31). Nos dias atuais, são realizadas diferentes etapas para que o livro chegue à sala de aula, cada qual com seus critérios, de acordo com o PNLD (2010):

A distribuição dos livros pelo Programa é antecedida por uma etapa de triagem e avaliação da qualidade desse material por especialistas. Os resultados dessa avaliação são publicados pelo FNDE no seu sítio na internet na forma de um Guia do Livro Didático. O mesmo material impresso é enviado às escolas cadastradas no censo escolar. O Programa prevê que o Guia seja utilizado na orientação do processo de escolha do livro pelo professor e pela instituição. (BRASIL, PNLD, 2010c, p.32).

Como relata Sgnaulin (2012), após cumpridas as primeiras etapas de seleção dos livros e produção do Guia, as secretarias de educação estaduais e municipais são chamadas a participar do processo. Elas serão orientadas no sentido de cumprir diferentes tarefas a fim de garantir a escolha do livro pelo professor e a chegada desse material na escola.

O acesso dos livros didáticos pelas escolas é feito mediante um processo que se inicia quando os professores são chamados a avaliar e selecionar os livros didáticos que serão

adotados por ele por três anos. Findada essa avaliação, as obras escolhidas são encaminhadas e solicitadas ao FNDE, que, posteriormente, as encaminham às escolas, antes do início do ano letivo. O Programa Nacional do Livro Didático, tanto no aspecto de distribuição de livros, quanto em todas as suas esferas de organização e história, constitui-se, segundo Höfling (2000):

(...) também como uma estratégia de apoio à política educacional implementada pelo Estado Brasileiro na perspectiva de suprir uma demanda de caráter obrigatório, sugerida pelo artigo 208 da Constituição Federal, exatamente ao mencionar o atendimento ao educando no Ensino Fundamental, através de Programas suplementares de material didático, transporte, alimentação, e também assistência à saúde. (HÖFLING, 2000, p.159)

O Programa surge com a pura intenção de mudança em relação aos programas elaborados e dirigidos pelos governos anteriores e depois para suprir a legislação constitucional. Ao analisar a prescrição que norteou o PNLD, encontram-se dois documentos-chave (Educação para todos: caminho para a mudança de 1985; e o Plano decenal de educação para todos de 1993). O primeiro abriu as portas para a criação do PNLD e o segundo é o compromisso brasileiro assumido perante as Nações Unidas.

Os livros didáticos representam a principal, senão a única fonte de trabalho como material impresso na sala de aula em muitas escolas da rede pública de ensino, tornando-se um recurso básico para o aluno e para o professor no processo ensino-aprendizagem. Lopes, (2007), atribui uma definição de livro didático que é a “de ser uma versão didatizada do conhecimento para fins escolares com o propósito de formação de valores que configuram concepções de conhecimentos, identidades e visões de mundo.”

O livro didático é um valioso foco já que por ele o discente tem acesso à cultura e ao desenvolvimento da Educação. No decorrer dos últimos dois séculos, quando iniciaram sua produção no Brasil, os primeiros didáticos passaram por várias mudanças com o objetivo de acompanhar as novas dinâmicas de sala de aula, contribuindo para uma aprendizagem com significância (LAJOLO, 1996).

O Brasil possui um dos programas mais avançados de obtenção de livros escolares que assegura a distribuição gratuita de milhões de exemplares à rede pública de ensino. As transformações que acontecem atualmente em sala de aula - como o uso de novas tecnologias, revisões nas diretrizes curriculares e expectativas de aprendizagem - impõem desafios constantes à produção do livro escolar que acompanha, com sucesso, as modificações da educação nacional. O livro didático, no Brasil, atinge seu propósito ao estabelecer uma forte parceria com o docente. Juntos, eles podem intervir na realidade dos mais nobres ideais da Educação (CARNEIRO; SANTOS; MÓL, 2005).

Oficialmente, no Brasil, os livros didáticos iniciaram-se com a Legislação do Livro Didático, criada em 1938 pelo Decreto-Lei 1006 (ROMANATTO, 2009). Nesse momento, o livro era considerado uma ferramenta da educação política e ideológica, sendo caracterizado o Estado como censor no uso desse material didático (NÚÑEZ et. al, 2009).

O livro didático é uma ferramenta presente nessa realidade. Há muitos anos, vem sendo distribuído de modo gratuito pelo Governo Federal Brasileiro, através do Programa Nacional do Livro Didático. Nele, constam textos explicativos e informativos, exercícios, sugestões de aula, dentre outros diversos suportes para o papel do docente. No entanto, sua utilização tornou-se excessiva e, em alguns casos, exclusiva na sala de aula e essa prática promove consequências na qualidade da ação do professor e, particularmente, na aprendizagem dos discentes (NÚÑEZ et. al, 2017).

Utilizado desse modo, o livro didático torna-se um manual seguido pelos docentes e a problemática gerada por essa situação consiste que, na maioria das vezes, os livros estabelecem, em seus conteúdos, pouca relação entre as escalas geográficas nas quais a

importância da realidade local é desconsiderada, surgindo o distanciamento de conteúdo com as vivências do que é e ocorre em um determinado lugar porque - nesse sentido, numa sociedade capitalista - as editoras estão mais direcionadas para comercializar o produto e não adicionar tanta importância nesse fator (PERUZZI et. al, 2000).

No Brasil, existem programas que asseguram o direito aos discentes para a aquisição de livros didáticos como o Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, homologado desde 1996. Com o compromisso Brasileiro, na década de 90, surgiu um conjunto de medidas com pareceres e ações pois a educação para todos, com um processo de transformações, trouxe uma série de ações (BRASIL, 2008).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBN/1996, a prática dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs/1996, as Diretrizes Curriculares Nacionais- DCNs /2000, tais conjuntos de ações geraram mudanças fundamentais ao estado, universidades e escolas, processos esses avaliativos da educação básica e superior e dos livros didáticos (LOPES, 2007).

Na educação, houve várias mudanças impostas pelo estado, especialmente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBEN 9.394/96. Esse conjunto de ações que incluía desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental e médio, as diretrizes curriculares para a formação de professores em nível superior, o exame nacional do ensino médio (ENEM) da Avaliação do Ensino Superior (ENADE) da Pós-Graduação (CAPES) e o Plano Nacional de Avaliação dos Livros Didáticos (PNALD). Tendo o estado um poder controlador sobre a escola, interferindo nas discussões sobre a seleção, e avaliação dos conteúdos (BRASIL, 2009).

O livro didático tornou-se uma ação estabelecida pelo estado de modo mais econômico. Ele engloba todo o texto, tornando mais fácil e barato, estando acessível a todos, mas nem todos têm acesso e conhecimento para manusear um computador e suas ferramentas. Para facilitar o PNLD estabeleceu como critério para a aprovação de livros didáticos a sua adequação ao PCN (LIBÂNEO, 2002).

O livro se apresenta como um instrumento pedagógico que direciona o planejamento para o trabalho docente, pois é um suporte que contém diversas sugestões que proporcionam uma melhor visão aos profissionais da educação, pais e alunos como um material de confiança que possui seriedade. Assim, esse recurso didático faz parte da cultura escolar, sendo considerado fundamental na realidade das escolas brasileiras, uma vez que a leitura é um elemento essencial na formação escolar dos indivíduos (NAKAMOTO, 2010).

Para Albuquerque (2011), a influência da sociedade na educação se reflete na história das disciplinas escolares do Brasil, tendo em vista que o trabalho do professor sempre acompanhou as imposições sociais de cada período em que as práticas e métodos são incluídos na disciplina de Geografia e fazem parte de uma herança cultural que se acumulou ao longo do tempo e resistem até os dias atuais.

Quando novas idéias, como as mencionadas, eram introduzidas no debate, nem sempre atingiram os professores, pois esses estavam distanciados de tais preocupações, e, em geral, eram obrigados a seguir o que a sociedade de cada época, em especial os pais e superiores hierárquicos, estabelecia como o melhor método/conteúdo de ensino.

Neste contexto, nota-se a necessidade de reflexão a respeito das questões que envolvem a utilização do livro didático, a fim de identificar os pontos que formam o cenário atual das práticas metodológicas em sala de aula com o livro, uma vez que Albuquerque, (2011), julga que no campo teórico possui muitas propostas de métodos, mas, na prática, ainda necessita considerar no campo do cotidiano escolar e as grandes resistências.

Nesse panorama, se pretende melhorar, estabelecendo os avanços com o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, através da apropriação de alternativas,



diferenciando a utilização do livro didático, diante dos temas abordados nas aulas de Geografia (ROJO, 2005).

Diversos trabalhos vêm sendo desenvolvidos, analisando a importância do livro didático nas aulas de Geografia, como pode ser encontrado em Dutra (2010), a respeito das identidades nacionais nos livros didáticos de Geografia e Kanashiro, (2008), abrange a questão do livro didático de Geografia no contexto do PNL. Nesse sentido, o presente trabalho possui o diferencial ao analisar a concepção de professores e alunos a respeito da utilização do livro didático de Geografia, almejando compreender as melhores possibilidades de utilização desse recurso.

## **2.4 A Geografia e o Espaço Escolar na Construção do Livro Didático de Geografia**

A escola exerce um papel fundamental na vida das pessoas, tanto social quanto político e econômico, auxiliando na função de uma base para que no futuro nos tornemos cidadãos conscientes das nossas atitudes na sociedade, tendo como passo norteador a educação que se oficializa nas escolas com participação ativa dos alunos como sujeitos que recebem e produzem conhecimentos. Cremos que esse é o papel da escola - preparar e encaminhar os alunos a exercerem sua cidadania no meio em que vivem. Por isso, a educação está presente nas escolas como o principal elemento modificador do mundo, através da conscientização dos seres humanos.

A educação é o alicerce da sociedade. É através dela que um país se desenvolve e, no Brasil, como na maioria dos países em desenvolvimento, encontra-se, ainda, muito defasada (GUIMARÃES et. al, 2001).

Para Branquinho, (2007), a escola contemporânea sofre com o desenvolvimento acelerado que ocorre à sua volta, onde as informações são atualizadas com frequência, ocasionando um certo desgaste e comprometimento das ações voltadas para o aprimoramento do ensino, tornando, assim, a sala de aula em um ambiente de pouca relevância para a consolidação do conhecimento, fazendo com que a vivência social seja o requisito primordial para a busca de aprendizado.

Segundo Teixeira, (2009), o livro didático está na cultura escolar brasileira porque é garantido por programas oficiais de governo e está disponível para as escolas públicas de forma gratuita. Sendo assim o único material escrito que grande parte dos alunos das classes menos favorecidas tem acesso.

O papel da escola é de extrema importância na educação da sociedade por abranger um dos mais amplos aspectos sociais que é o processo ensino-aprendizagem no qual há uma ampla relação entre “o aprender” e “o para que aprender”. Entretanto, o Projeto Político Pedagógico (PPP) deve ser planejado juntamente com a comunidade, discutindo-se o que ela deseja, realmente, desenvolver para os seus alunos, como prepará-los para o mundo e em consequência para o mercado de trabalho. O modelo da escola atual não é o desejado, mas é necessário aperfeiçoá-lo até que se torne ideal.

### **2.4.1 Alunos e Professores em Relação ao Livro Didático de Geografia**

Os professores assumem, conforme preconiza Peruzzi (2000), que o livro didático possibilita a mediação entre o conhecimento científico passado em sala de aula e a melhor compreensão dos alunos em relação ao conteúdo abordado. A importância do livro não está relacionada somente aos aspectos pedagógicos e à aprendizagem dos estudantes. Além do processo de difusão do conhecimento, o livro auxilia na formação dos alunos como um

cidadão político, cultural e científico, fazendo com que sejam capazes de serem autores de sua própria história.

O livro didático é um material pedagógico imprescindível no processo de construção do conhecimento, sendo um produto cultural, munido de valores ideológicos, além de seu conteúdo pedagógico específico de cada disciplina. (LOPES, 2007, p.205).

Independente do ponto de vista geográfico, o modo mais comum de ensinar Geografia tem sido através do discurso do docente e/ou do livro didático. Esta discussão sempre parte de alguma noção ou conceito e versa em relação a algum fenômeno natural, social ou cultural, exposto e explicado de modo descontextualizado do lugar em que se encontra incorporado. Após a exposição, ou trabalho de leitura, o docente avalia, de acordo com os exercícios de memorização, para saber se esses discentes aprenderam o conteúdo.

Em abordagens da atualidade da Geografia têm procurado práticas pedagógicas que permitem expor os alunos em distintas situações de vivência em relação a seus lugares, de maneira que possam construir entendimentos novos e mais complexos a seu respeito, esperando-se, desse modo, que desenvolvam a capacidade de apontar e refletir em relação aos diferentes aspectos da realidade, entendendo a relação sociedade e natureza (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2003).

Essas práticas englobam procedimentos de observação, documentação, problematização, registro, descrição, representação e estudo dos fenômenos culturais, sociais, e naturais compondo o espaço e a paisagem geográfica, na busca e formulação de hipóteses e explicações das relações, permanências e transformações que aí se encontram em interação. Nesse panorama procura-se sempre a valorizar a experiência do aluno (TONINI, 2011).

É indispensável o convívio do docente com o discente em sala de aula no período em que se pretende desenvolver algum pensamento crítico da realidade por meio da Geografia. É fundamental que a vivência do aluno seja valorizada e que ele possa perceber que a Geografia faça parte do seu cotidiano e isso é voltado para sala de aula com o auxílio do professor e a sua experiência (CASTROGIOVANNI, 2001; BRASIL, 2012).

Assim, o estudo da sociedade, e também da natureza, deve ser realizado de modo interativo. No ensino, docentes e alunos poderão buscar compreender que tanto a sociedade quanto a natureza constituem os fundamentos com os quais paisagem, território, lugar e região são construídos. É essencial, assim, que o docente crie e planeje condição de aprendizagem em que os seus alunos possam conhecer e usar os procedimentos de estudos de Geografia (D'ÁVILA, 2008; CAVALCANTI, 2012).

Observar e descrever são processos importantes que podem ser praticados para que os discentes possam aprender a explicar, entender e representar os processos de construção dos diversos tipos de paisagens, lugares e territórios. Isso não significa que tais procedimentos tenham uma finalidade em si mesmo, como observar, descrever e comparar servindo para construir as noções, e especializar os fenômenos, levantando problemas e entender as soluções propostas. A fim de conhecer e iniciar a operar os conhecimentos que a Geografia, produz como ciência (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007).

Segundo Andrade, (2014), a escola tem como papel transmitir o conhecimento sistematizado, porém a sua função é para além desses conhecimentos repassados aos alunos, ou seja, a escola também tem a função de auxiliá-los a terem uma visão crítica e democrática, por meio da transferência de valores e atitudes.

Assim, a importância de que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos, desde as séries iniciais, e que essa pesquisa permita entender como o local, o regional e o global se relacionam neste espaço. Recomendando-se não trabalhar a hierarquia tanto a nível local e mundial, o espaço vivido pode não ser o real imediato, porque são muitos e variados os lugares com os quais os alunos têm contato e, em relação, sobre os quais são capazes de pensar (SPÓSITO, 2006; VESENTINI, 2007).

O entendimento de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho a ser desenvolvido durante toda a escolaridade de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais. É essencial o convívio do docente com o aluno em sala de aula no período em que se pretende desenvolver algum pensamento crítico voltado à realidade através da disciplina de Geografia (GEBRAN, 2003; FANTIN; TAUSCHECK; NEVES, 2010).

A vivência do aluno deve ser valorizada para que ele possa ter a percepção da Geografia fazer parte do seu cotidiano, trazendo para o interior da sala de aula, com o auxílio do docente, a sua experiência. Para que isso ocorra, o estudo dessa sociedade e da natureza que a permeia deve ser realizado de modo interativo. No ensino, docentes e alunos podem buscar e compreender que tanto a sociedade como a natureza constituem os fundamentos em que a paisagem, território, lugar e região são construídos (MATIAS, 2006; MORAIS, 2011).

Segundo Corrêa, (2000), o livro didático contribui como na maioria dos conteúdos do currículo escolar, quando se fala sobre o conhecimento adquirido. As instituições escolares colaboram, concomitantemente, com outras fontes, possibilitando visualizar o funcionamento da gestão interna. Dependendo da resenha do material, pode-se considerar como o portador supremo do currículo escolar no que se refere aos conhecimentos que foram transmitidos em diferentes áreas, ao se constituir uma única referência tanto para professores quanto para alunos.

Pereira, (2011), explica que o papel principal da escola, como instituição de ensino, tem-se limitado, há muito tempo, devido às diretrizes institucionalizadas pelo Governo. Apesar de já ter semodificado muito na educação, ainda tem muito para melhorar, essencialmente na questão institucional, pois de acordo com a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 1996), a educação é transversal a todos os membros de uma sociedade.

Compreender a realidade local auxiliar o ensino para que o aluno possa se relacionar com o contexto global é um trabalho que tem que ser desenvolvido no decorrer da vida escolar, de modo cada vez mais abrangente. E essa abordagem tem o objetivo de favorecer também a compreensão, por parte do aluno, de que ele próprio é parte integrante do ambiente e também agente ativo e passivo das transformações das paisagens terrestres, pois favorece a formação de uma consciência conservacionista e ambiental não apenas em seus aspectos naturais, mas também nas políticas, culturais e econômicas (OLIVEIRA, 2009; ALBUQUERQUE, 2011).

Nos parâmetros dos currículos nacionais, o docente tem que ter um cuidado ao relacionar o conteúdo e seus temas, em que a Geografia surge como um campo de modo personalizado e não pretendendo formar geógrafos. Sua função de um educador deve ser colocada o seu saber, como especialista, para criar situações para os discentes construírem um conhecimento crítico em relação ao mundo e proporcionar condições para formar cidadãos que tenham que trabalhar e saber o que é Geografia. Logo, a formação dos docentes é importante para compreender a dinâmica dos livros didáticos, como também estabelecer quando esse livro não auxilia o aluno no sentido de que esse compreenda o lugar onde vive o contexto geográfico de sua região. Nesse sentido, tanto a formação básica como também a formação continuada são essenciais para que os objetivos propostos tenham continuidades e finalidades (LODI, 2004; CASTROGIOVANNI, 2011).

### 3 METODOLOGIA

A metodologia é caminho do pensamento, uma abordagem da realidade, por isso, a metodologia ocupa um lugar de destaque nas pesquisas. LÊNIN (1965, p.148) afirmava que “*o método é a alma da teoria*”, distinguindo a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como uma articulação entre conteúdos, pensamentos e existência.

O método exploratório aplicado nesta pesquisa foi quali-quantitativo, no qual se buscou levantar dados acerca dos docentes e discentes das escolas pesquisadas para uma posterior análise. Tais dados primários foram obtidos a partir da aplicação de questionários e entrevistas pessoais; nas técnicas dirigidas ao público envolvido, procurando-se ser o mais objetivo possível, para que eles compreendessem as perguntas e conseqüentemente fosse obtido o melhor resultado possível a partir dos questionários aplicados.

Inicialmente, foram feitos encontros em sala de aula como também alguns debates sobre o livro didático de Geografia e sua utilidade nos dias de hoje, juntamente com os discentes e docentes, dialogamos sobre o objeto de estudo que é o livro didático de Geografia, adotado nas escolas de ensino médio no município de Crato Ceará.

Além disso, a partir dos livros didáticos de Geografia, adotados pelos professores entrevistados, foi procedida uma análise programática para fins de verificação da compatibilidade dos temas abordados nestas obras, com relação ao ambiente geográfico (político e físico) no qual o aluno está inserido.

Na pesquisa qualitativa, a busca pela boa qualidade do trabalho é muito importante, temos que dar uma atenção especial na coleta de dados, para que, logo em seguida, os resultados possam ser analisados e interpretado, promovendo novos conhecimentos sobre o estudo em questão. Nesse caso, o livro didático de Geografia adotado nas escolas públicas.

É importante que nessa etapa o pesquisador exercite sua capacidade de flexibilizar o projeto de pesquisa, tomando decisões sobre as necessidades de modificar, mudar e alterar o desenho da investigação, tornando a coleta de dados mais produtiva (GOMEZ et al. 2009).

Marconi e Lakatos (2003, p. 107) afirmam que as técnicas de coleta de dados “*são um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência; são, também, as habilidades para usar esses preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos*”. Além disso, os autores definem um “questionário de pesquisa” como “*um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador*”.

Cabe ressaltar que a presente pesquisa se trata de estudo de caso, por ter como consequência um levantamento profundo em torno de um determinado caso e envolver um grupo humano.

Os procedimentos metodológicos e operacionais adotados nesta pesquisa foram subdivididos em etapas, conforme elencadas a seguir:

**Primeira etapa:** foram realizadas leituras bibliográficas sobre a história do livro didático no ensino de Geografia com ênfase na carga horária da disciplina supracitada.

**Segunda etapa:** foram aplicados questionários após o debate sobre o tema pesquisado com o corpo docente e discente de duas escolas de ensino médio do município do Crato- CE. Esse debate teve a finalidade de nos levar a alguns questionamentos como por exemplo: as formas de relação de parte dos professores com o livro didático, qual seja o uso do livro didático como um instrumento de aprendizagem, ou seja, como um manual, ou no extremo como único recurso didático utilizado em sala de aula.

**Terceira etapa:** consistiu na análise dos dados e a partir das respostas obtidas na segunda etapa.

**Quarta etapa:** a conclusão do estudo baseado na revisão bibliográfica utilizada no decorrer do programa de mestrado, o que resulta no desfecho da pesquisa com a percepção dos alunos e docentes acerca da importância do livro didático de Geografia nas duas escolas avaliadas no município do Crato - Ceará.

A divulgação da pesquisa pode contribuir com o surgimento de demandas e estratégias para alavancar a disponibilidade de material extra, além do livro didático e a submissão a uma possível publicação em revistas nacionais e/ou internacionais.

### **3.1 Inserção na Pesquisa**

O livro didático ainda é um grande referencial na sala de aula para alunos e professores no processo de ensino-aprendizagem, pois serve como auxiliar na prática pedagógica do professor, e continua sendo um dos recursos mais utilizados no cotidiano escolar. Sua presença é marcante em sala de aula e, muitas vezes, serve como substituto do professor quando deveria ser mais um dos elementos de apoio ao trabalho pedagógico.

Desse modo, “o livro didático deveria configurar-se de modo que o professor possa tê-lo como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal” (PONTUSCHKA, 2007, p. 343). O livro didático propõe trajetórias sequenciais dos conteúdos de ensino, mas o professor tem a responsabilidade de selecionar os assuntos que são indispensáveis para a formação do aluno.

Para fazer esse debate, primeiramente é necessário interrogarmos, questionarmos sobre livros didáticos e as formas que ele vai assumindo ao longo do tempo. As primeiras publicações brasileiras, com esse propósito, cumpriam um papel destinado somente ao professor; posteriormente passaram a ser uma literatura destinada ao aluno.

Assim, a pergunta inicial e que orientará o debate é a seguinte: como o livro didático se torna uma peça-chave na prática na sala de aula? Esse debate terá prosseguimento com algumas considerações sobre o papel do livro didático de Geografia no aprendizado dos alunos da disciplina em sala de aula.

Portanto, partiremos do seguinte questionamento: por que o professor de Geografia chega às salas de aula com uma formação que não lhe permite autonomia frente ao livro didático? Certamente não responderemos a todas essas questões porque o nosso propósito não é trazer respostas, mas, sim, provocar um debate sobre a temática.

### **3.2 Lócus da Pesquisa**

A pesquisa foi desenvolvida em duas escolas de ensino médio situadas na cidade de Crato, no Estado do Ceará. A primeira escola pesquisada foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Teodorico Teles de Quental (Figura 1), localizada na rua Dr. Irineu Pinheiro, 305, bairro Pimenta, com coordenadas geográficas 7°14'24" S e 39°25'11" O e a segunda foi a Escola Polivalente Governador Adauto Bezerra (Figura 2), rua Marcos Macêdo, s/n, bairro Seminário, com coordenadas geográficas 7°13'43" S e 39°25'13" O.

A busca pelas respostas aos questionamentos levantados nessa pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas estruturadas, guiadas por questionários (apresentados nos apêndices deste documento).

Tais questionários foram aplicados a gestores, professores e alunos da rede pública de ensino (nível médio) no município do Crato (CE), diretamente envolvidos no processo de ensino-aprendizagem por meio do objeto focal deste estudo: o livro didático.



**Figura 1.** Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Teodorico Teles Quental. Fonte: autor.



**Figura 2.** Escola Polivalente Governador Adauto Bezerra. Fonte: autor.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. No que concerne adentrar nas escolas pesquisadas, foi por meio de um pedido “DECLARAÇÃO DE PERMISSÃO” junto à Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC). De posse dessa autorização, foram selecionadas as escolas que fizeram parte do contexto da pesquisa do presente estudo.

Após a autorização da Secretaria de Educação do Estado do Ceará e das escolas selecionadas, foi requisitado, a cada escola investigada, o Projeto Político Pedagógico (PPP), documento em que estão expostas as informações curriculares de ensino para serem analisadas.

Os participantes da pesquisa - gestores, docentes e discentes, responderam a um questionário. Todo o processo de obtenção dos dados foi pessoalmente disponibilizado pelo pesquisador.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 Perfil dos Participantes da Pesquisa: Docentes e Alunos das Escolas Investigadas na Cidade do Crato (CE)

Na presente pesquisa, foram selecionados, das duas escolas, 35 participantes: 29 alunos, 2 gestores e 4 professores.

Na caracterização do perfil sócio-demográfico dos interlocutores, os gestores (G1 e G2) são do gênero feminino e masculino com idades de 40 e 43 anos, respectivamente. A G1 exerce a profissão na área de educação há 21 anos, sendo que 6 deles em gestão escolar. O G2 exerce a profissão há 23 anos e 4 deles em direção escolar. Todos são formados em pedagogia e possuem especialização em gestão escolar.

Participaram da pesquisa 29 alunos, todos do Ensino Médio. O perfil sócio-econômico dos participantes desse estudo, no que refere a faixa etária, foi formado por adolescentes de 16-17 anos, 51,8% (n=15), seguidos de 13-15 anos, 34,4% (n=10), 18 ou mais, 13,8%.

Em relação ao gênero 58,7% (n=17) afirmaram ser do sexo feminino, seguidos de 41,3% do sexo masculino.

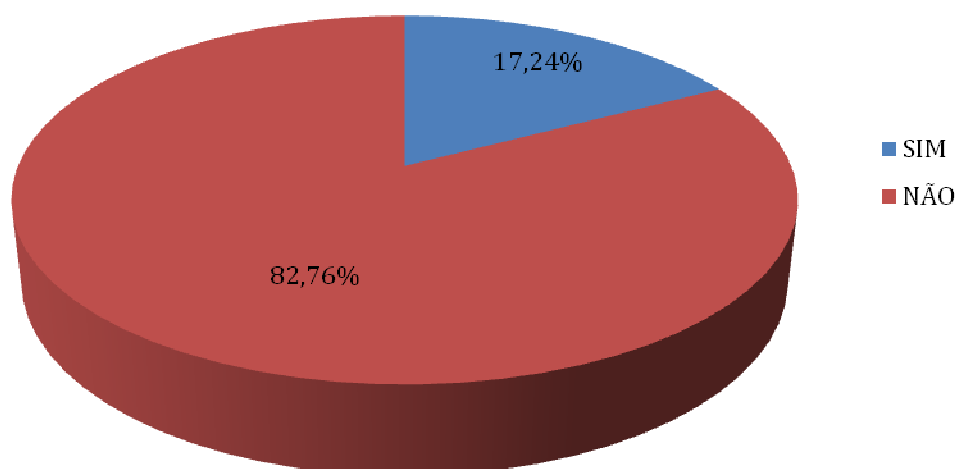
Depois de fazer uma avaliação sobre os Livros Didáticos de Geografia usados por duas escolas públicas de ensino médio pesquisadas no município de Crato – Ceará, verificou-se uma grande falta de textos que falem sobre a Região Nordeste e em especial o nosso Estado do Ceará e a Região do Cariri na qual estamos inseridos. Os livros Geografia em Rede e Geografia Contextos e Redes deixam muito a desejar na comunidade escolar, ficando o nosso jovem muito carente de conhecimentos sobre a nossa Região em todas as áreas.

O questionário aplicado aos alunos das escolas pesquisadas foi composto de 6 questões, em que a primeira teve como objetivo avaliar a percepção dos discentes sobre a importância da disciplina de Geografia. Nesse ponto, todos os entrevistados responderam que a disciplina de Geografia é muito importante.

A Geografia é uma das ciências que se tem dedicado à análise da cidade e da vida humana como ciência social. Ela o faz pela perspectiva social, porém com um determinado enfoque. A Geografia é uma leitura determinada da realidade. É a leitura do ponto de vista da espacialidade. Seu objeto de estudo é o espaço geográfico (CAVALCANTI, 2008, p. 64).

Na questão seguinte, foram indagados sobre a Geografia como uma disciplina decorativa, que não precisa compreender o conteúdo, somente decorar o assunto para a prova, conforme demonstra o Gráfico 1, cerca de 17,24 % (n=05) dos participantes consideram que a disciplina de Geografia é decorativa e 82,76% (n=24), que representam a maioria dos alunos, responderam que a Geografia deve ser estudada através da leitura dos livros adotados pela escola.

**Você acha que a disciplina de Geografia é mais decorativa e não precisa compreender o conteúdo, somente decorar o assunto para prova?**



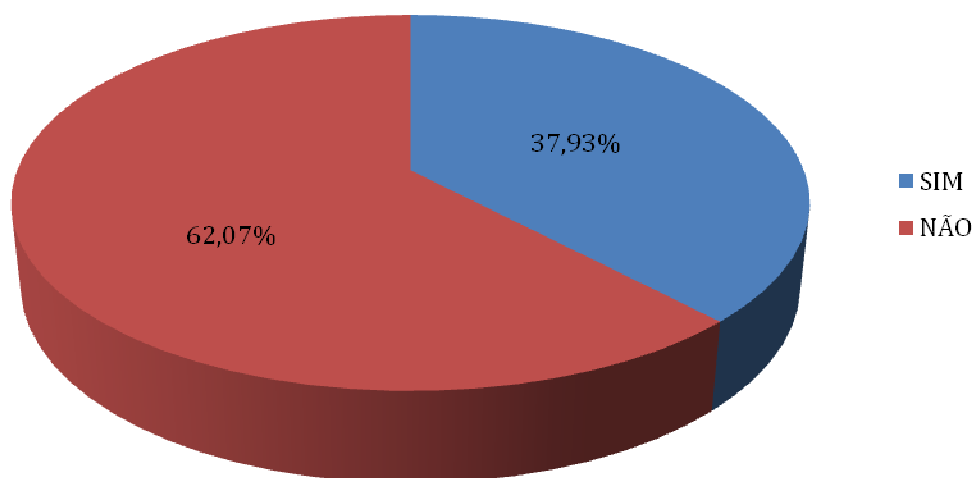
**Gráfico 1.** Você acha que a disciplina de Geografia é mais decorativa e não precisa compreender o conteúdo, somente decorar o assunto para a prova?

Nenhum livro didático, por melhor que seja, pode ser utilizado sem adaptações. Como todo e qualquer livro, o didático também propicia diferentes leituras para diferentes leitores, e é em função da liderança que tem na utilização coletiva do livro didático que o professor precisa preparar com cuidado os modos de utilização dele, isto é, as atividades escolares através das quais um livro didático vai se fazer presente no curso em que foi adotado. (Marisa Lajolo, 1996, p. 06).

Na indagação 3 (três), de acordo com o Gráfico 2, 37,93% (n=11) dos alunos acham que o livro didático de Geografia é suficiente para aprenderem a disciplina, enquanto 62,07% (n=18) acham que só o livro didático de Geografia não é suficiente para adquirirem os conhecimentos. Para esse percentual de alunos, são necessários outros recursos em sala de aula como: mapas, vídeos e a própria internet em sala de aula. A aula de campo é vista por eles como um importante recurso didático, porque eles conseguem um maior aprendizado fazendo visita ao local de estudo.



### O livro didático que você usa é suficiente para entender geografia?



**Gráfico 2.** O livro didático que você usa é suficiente para entender Geografia?

Ele é portador de textos que auxiliam ou podem auxiliar o domínio da leitura escrita em todos os níveis de escolarização. Serve para ampliar informações, veiculando e divulgando, com uma linguagem mais acessível, o saber científico. Possibilita, igualmente, a articulação em suas páginas de outras linguagens, além da escrita, que podem fornecer ao estudante uma maior autonomia frente ao conhecimento. Por seu intermédio, o conteúdo programático da disciplina torna-se explícito e, dessa forma, tem condições de auxiliar a aquisição de conceitos básicos do saber acumulado pelos métodos e pelo rigor científico BITTENCOURT (2001, p. 73).

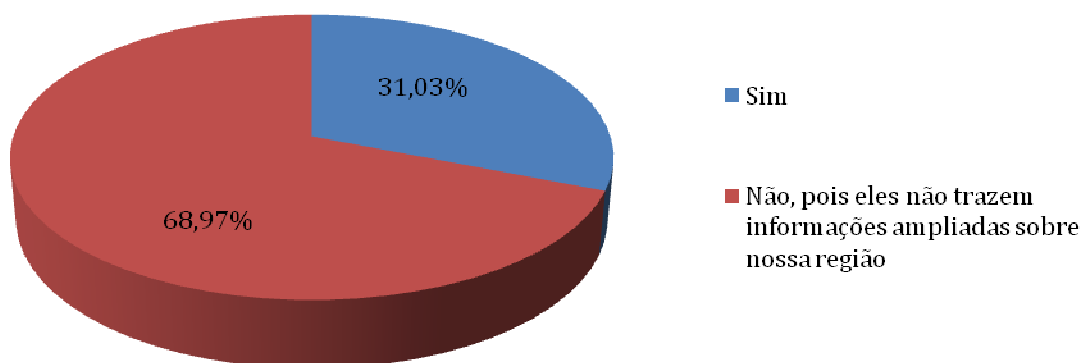
Perguntado aos alunos sobre o que falta no livro didático de Geografia que é utilizado na sala de aula, uma pequena minoria afirma que não precisa de livro didático para entender a matéria, pois utiliza outros recursos para entender a disciplina; enquanto a maioria afirma que o livro didático seria mais eficiente no aprendizado da disciplina de Geografia se viesse acompanhado de outros recursos, tais como: Mapas, globos, DVD, dentre outros.

De acordo com Libâneo, (1994, p.128): “*não basta a seleção e organização lógica dos conteúdos para transmiti-los. Antes, os próprios conteúdos devem incluir elementos da vivência prática dos alunos para torná-los mais significativos, mais vivos, mais vitais de modo que eles possam assimilá-los ativamente e conscientemente*”.

No quesito 5 (cinco), onde se pergunta sobre a necessidade de utilizar outros meios pedagógicos para melhorar o ensino da Geografia, todos os alunos afirmaram que “sim” – é necessário utilizar recursos variados, dentre eles podemos citar: vídeos, documentários, YouTube, Google Maps, Google Earth e também saídas para aula de campo, recursos esses indispensáveis para um bom aprendizado. Conforme o Documento dos PCNs de Geografia (1998, p. 141 – 142), as tecnologias de comunicação permitem que os alunos tenham acesso a informações por meio de textos e imagens (fundamentais para conhecer o espaço geográfico, as diferentes paisagens e as transformações no decorrer do tempo) e também problematizar algumas relações com diferentes sistemas de representação espacial, forma de organização social, noções de distância e pontos de referência, processos de transformações, papel das ações humanas, transformações de espaço etc.

Na última pergunta dirigida aos alunos, na qual se procura saber se o conteúdo do livro de Geografia é suficiente para que o aluno conheça a Geografia da sua Região, segundo dados do Gráfico 3, cerca de 31,03% (n=09), disseram que sim e 68,97% (n=20), afirmaram que o conteúdo referente à Região Nordeste é muito pouco e a Região do Cariri situada no Centro Sul do Ceará, onde está situado o município de Crato, não é lembrado de nenhuma maneira.

### Como aluno da disciplina de geografia, o conteúdo do livro didático é suficiente para que você conheça a geografia da sua região?



**Gráfico 3.** Como aluno da disciplina de Geografia, o conteúdo do livro didático é suficiente para que você conheça a Geografia da sua região?

Ficou muito claro, durante a pesquisa nas duas escolas, que os livros Geografia em Rede, adotado na Escola de ensino fundamental e médio Teodorico Teles de Quental, e o livro Geografia – Contextos e Redes adotado na Escola de Ensino Fundamental e Médio em Tempo Integral Coronel Aduato Bezerra, deixaram muito a desejar no que se refere aos conhecimentos regionais. Em ambas as coleções, nada é citado sobre a região na qual as referidas escolas são sediadas.

Nas respostas aos questionários dirigidos aos gestores e professores, esses afirmaram que os livros didáticos de Geografia não abordam o suficiente para que os alunos do ensino médio nas escolas públicas do município de Crato – Ceará possam conhecer a Geografia da região em que estão inseridos; que o conteúdo está fora do contexto e da realidade ambiental da nossa região; que os livros didáticos deveriam ser direcionados à realidade onde os alunos residem.

Dando prosseguimento, os entrevistados afirmaram que o livro didático deveria ser elaborado pelos próprios professores de cada região, porque, só assim, gestores, docentes e discentes teriam a oportunidade de se expressarem de uma maneira bem mais consistente sobre o espaço em que vivem; principalmente no que se refere ao clima, vegetação, fauna, flora etc. Para se ter um melhor conhecimento da região, eles realizam aulas de campo, ficando, quase sempre, na dependência do poder público com relação à locomoção. Conforme já afirmado, o plano de curso tem como base o livro didático - ferramenta mais importante na sala de aula. Ademais, as tecnologias e as condições financeiras para o desenvolvimento de outras metodologias ainda são escassas nas escolas públicas de ensino médio no município do Crato.CE. Quanto aos conteúdos relacionados ao meio ambiente em Geografia, quase tudo se relaciona e necessita de contextualização devido à falta de material específico direcionado às particularidades regionais.

## **4.2 Percepção dos Gestores, Professores e Alunos sobre o Processo de Ensino (Transmitido pelo Professores) e Aprendizagem (Percebida pelos Alunos)**

O ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia parte do pressuposto da relevância dessa matéria para educação básica, pois é importante quanto à formação da consciência espacial do indivíduo, do local e do sujeito-aluno. Nesse contexto, o livro didático de Geografia auxilia como sua linguagem cartográfica, dando referência à formação espacial cidadã dos discentes.

Atualmente, a ampla produção cultural disponibiliza múltiplas linguagens a serem utilizadas como auxiliares na compreensão e análise do espaço geográfico. Não obstante, os livros didáticos continuam a ser o grande referencial na sala de aula para alunos e professores das escolas públicas e privadas do país, embora sejam utilizados de formas variadas, permitindo, às vezes, que o aluno faça uma reflexão; muitas vezes trabalhando de modo tradicional e não reflexivo, (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE,2007, p.339).

Antes de serem aplicados os questionários aos Gestores, Professores de Geografia e Alunos do ensino médio das escolas públicas - Escola de Ensino Fundamental e Médio Teodorico Teles de Quental (Escola 1) e Escola de Ensino Fundamental e Médio de Tempo Integral Governador Aduino Bezerra (Escola 2), foram promovidos debates em sala de aula juntamente com docentes da disciplina de Geografia e discentes das três séries de ambas as escolas, onde foi apresentado o questionário e analisadas cada uma das perguntas.

Na Escola 1, onde foi adotado o livro “Geografia em Rede”, notamos que os alunos e professores de Geografia sentem a falta de complementos para se juntarem aos livros didáticos, a fim de que se tenha uma melhor qualidade do ensino de Geografia em sala de aula. Ouvimos, também, dos docentes sobre a falta que eles sentem de uma maior divulgação da nossa região nos livros didáticos, ficando assim os referidos alunos carentes de informações do local onde estão inseridos.

Na Escola 2, a partir do debate com alunos e professores, percebeu-se que o sentimento dos alunos foi similar aos da Escola 1. Alunos e professores destacaram a falta de divulgação da Região Nordeste e, principalmente, da Região do Cariri cearense por parte do livro de Geografia adotado: Geografia - Contextos e Redes. Essa escola já dispõe de alguns recursos alternativos que ajudam, principalmente, nas aulas de Geografia como um laboratório onde se fazem estudo de cartografia e outras atividades na área geográfica.

No geral, sentimos que as dificuldades nas escolas de ensino médio pesquisadas, o livro didático de Geografia é de fundamental importância para os dias atuais, porque além de ser um instrumento de aprendizado mais importante na sala de aula, é também o principal elo entre o professor e o aluno.

## **4.3 Análise Programática dos Livros Didáticos de Geografia Adotados nas Escolas Pesquisadas**

### **4.3.1 Escola Estadual Teodorico Teles de Quental (EEFM)**

No livro “Geografia em Rede” (volumes 1, 2 e 3), já se percebe a grande carência de abordagens temáticas em relação à Região Nordeste, principalmente em se tratando da Região do Cariri, situada no Sul do Ceará, fazendo divisa com o Estado de Pernambuco.

Na Região do Cariri, fica situada a Chapada do Araripe, onde se encontra a Floresta Nacional do Araripe Apodi que foi a primeira FLONA (Floresta Nacional), criada em 1946 pelo IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), com uma área de 39.262.326

hectares e abrange parte das cidades de Barbalha, Crato, Jardim e Santana do Cariri. A riqueza da Chapada do Araripe possui grande relevância e, por isso, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) escolheu o Cariri Cearense, região onde está a maior parte da formação rochosa para sediar GEOPARK ARARIPE, como o primeiro das Américas.

No município de Santana do Cariri, encontra-se o museu de paleontologia, que dispõe de uma vasta coleção de fósseis - dinossauros, pterossauros, peixes, insetos e flores consideradas das mais preservadas do mundo. Graças a uma conjunção de fatores, ainda não plenamente compreendidos, as condições de solo salgado pelo resto do mar que o cobria sem oxigênio, fizeram com que o tecido mole de algumas espécies, como do Dino Santana e do Raptor, ficassem preservados nesse estado em boas condições ao longo de milênios, contribuindo para que, atualmente, possam ter seus respectivos DNAs mapeados.

Referindo-se à hidrografia, o livro “Geografia em Rede” nos mostra apenas uma página com um pequeno resumo sobre a Bacia do Rio São Francisco (Figura 3) que tem uma área aproximada de 640.000 Km<sup>2</sup>, ocupando 8% do território nacional, tendo como principal rio coletor das águas o rio São Francisco. Na extensão dos seus 2.700 Km, ele passa pelos Estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Sergipe e Alagoas. Porém, nem todos os municípios desses estados são beneficiados pelas águas do São Francisco, uma vez que em alguns trechos e épocas do ano o nível da água apresenta-se muito baixo.



**Figura 3.** Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Fonte: Livro Geografia em Rede, Volume 1 (2016).

No capítulo 7, é mostrado uma descrição sobre uma obra que é de suma importância para o Nordeste e, também, para a Região do Cariri que é a transposição ou integração do Rio São Francisco (Figura 4), que tem como objetivo levar águas do “Velho Chico” às áreas secas do Nordeste.

Esse projeto provoca muitas polêmicas, pois alguns estudiosos afirmam que há questões de ordem econômica, político-ambiental e social que deveriam ser levadas em consideração. Especula-se que há risco, também, da retirada de um volume considerável de água do rio e, assim, causar assoreamento em seu leito, baixando a níveis críticos a vazão do rio, podendo ocasionar a morte de peixes e a perda da vegetação ciliar.



**Figura 4.** Projeto da Integração do Rio São Francisco. Fonte: Ministério da Integração Nacional (2018).

O capítulo 8, intitulado “A Dinâmica do Clima”, apresenta uma pequena amostra do clima semi-árido, o qual compõe a região semi-árida que está localizada no sertão nordestino,

O semi-árido caracteriza-se pela baixa pluviosidade, comparado-se ao restante do país. Cabaceiras no Estado da Paraíba é o lugar da menor pluviosidade nacional; apenas 286mm. A aridez dessa região, segundo estudiosos, deve estar mais relacionada à elevada evaporação do que a baixa pluviosidade.

O capítulo 10, intitulado “As Grandes Paisagens Naturais”, mostra os biomas brasileiros e, entre eles, está o bioma caatinga que é muito pouco enfocado neste livro.

A caatinga é uma formação exclusivamente brasileira e ocupa aproximadamente 11% do território nacional, em região de clima semi-árido, em que as estiagens prolongadas ocorrem ciclicamente e proporcionam longos períodos de secas. Essa formação abrange os Estados do Piauí, do Ceará, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, de Pernambuco, de Alagoas, de Sergipe, da Bahia (Região Nordeste), além do Norte do Estado de Minas Gerais.



**Figura 5.** Bioma caatinga. Lajedo Pai Mateus, no município de Cabaceiras (PB). Fonte: Livro Geografia em Rede, Volume 1 (2016).

Na página 41 do volume 2, onde mostram-se as divisões regionais do Brasil, a Região Nordeste é pouco citada; apenas em um mapa onde se vê os estados nordestinos e cita a modernização da agricultura no Vale do São Francisco, a instalação de novos polos industriais, políticas públicas de transferência de renda com o consequente aquecimento do consumo regional e a construção dos complexos portuários de Suape nos arredores de Recife e do Pecém na região metropolitana de Fortaleza.

O capítulo 6 - “População Brasileira” relata muito pouco sobre as migrações internas no Brasil. Historicamente, sabe-se que a Região Nordeste possui menos saldo migratório, sendo um polo tradicional de emigração, praticamente todos os grandes fluxos migratórios que o país viveu contaram com grande número de habitantes do Nordeste, inicialmente dentro da própria região, com a expansão da agricultura e depois para entrar em busca de oportunidade de trabalho. Nas duas últimas décadas, o Nordeste passou a receber as chamadas “migrações de retorno”, entretanto a emigração é bem maior que a imigração.

No capítulo 10 - “Geografia dos Transportes”, o mapa apresentado na Figura 6 mostra a localização dos transportes hidroviários saindo dos portos que têm um custo de operação alto, enquanto os transportes ferroviário e rodoviário não são citados, embora vários portos nordestinos sejam citados entre os mais dinâmicos como; Salvador (BA), Fortaleza (CE) e Recife (PE).



**Figura 6.** Portos Fluviais e Marítimos no Brasil.

Fonte: Agência Nacional de Transportes Aquaviários. Fonte: Livro Geografia em Rede, Volume 2 (2016).

O capítulo 12 - “Energia no Brasil: Matriz Energética e Fontes Alternativas” aborda a presença do urânio no território brasileiro, dizendo que esse mineral é encontrado em cinco estados brasileiros: Bahia, Ceará, Goiás, Minas Gerais e Santa Catarina. Contraditoriamente, não cita as regiões que são as principais produtoras de urânio no Brasil, quando sabemos que na localidade de Itaitaia, município de Itaitira, no Estado do Ceará, encontra-se uma das maiores fontes de urânio do mundo.

O volume 3 do livro “Geografia em Rede”, abrange somente a parte de Geografia Internacional. Apenas no capítulo 4 - “A globalização” descreve um pouco do Brasil na globalização, no entanto a Região Nordeste não é citada em momento algum.

#### **4.3.2 Escola de Ensino Fundamental e Médio de Tempo Integral Governador Adauto Bezerra (EEFMTI)**

O livro didático de “Geografia Contextos e Redes” traz no volume 1, capítulo 3, intitulado “Região e Regionalização, uma pequena amostra sobre as festas juninas no município de Caruaru no Estado de Pernambuco e nada mais que venha mostrar a diversidade cultural que se tem no Nordeste, principalmente na Região do Cariri cearense.

A Região do Cariri cearense é muito rica no setor cultural, citando-se, como exemplo, os “Irmãos Anicetos”, uma banda cabaçal do município do Crato-CE que são conhecidos mundialmente; Patativa do Assaré com suas poesias magníficas, a Dança do Coco, o Reisado e outras manifestações culturais. Nos livros didáticos de Geografia, adotados nas escolas de

ensino médio do município de Crato - Ceará, não se encontra nada que se refira aos costumes regionais.

A Região do Cariri tem, também, no que se refere ao turismo religioso, a figura do Padre Cícero Romão Batista, nascido em Crato-CE, ordenou-se no Seminário São José no próprio município de Crato-CE e foi fundador do município de Juazeiro do Norte, sendo o primeiro prefeito desse município. Foi, ainda, deputado estadual e chegou a ser vice-governador do Estado do Ceará.

Hoje, o município de Juazeiro do Norte é um grande centro de peregrinação religiosa, vindo romeiros de vários estados do país, principalmente da Região Nordeste. Estranha-se que esses fatos não sejam divulgados nos livros didáticos e, conseqüentemente, os jovens da Região do cariri perdem a oportunidade de vivenciar fatos históricos da região em que habitam.

No capítulo 8, “As Bases Físicas do Brasil” mostra um pequeno texto e a foto de um açude praticamente seco, onde se fala muito pouco do clima tropical semi-árido do Nordeste e sabe-se que as temperaturas no sertão semi-árido são sempre elevadas, com pequenas variações ao longo do ano.

No capítulo 9, “Recursos Energéticos” o conceito de energia eólica é enfatizado apenas através de uma foto do Complexo Eólico União dos Ventos no Rio Grande do Norte e, portanto, os referidos livros mostram muito pouco sobre a energia eólica que também é gerada no Estado do Ceará, principalmente no município de Aracati.

No capítulo 2 do volume 2, “Infra-estrutura e Logística no Brasil” cita o Nordeste como maior produtor de energia eólica no Brasil. A energia eólica vem sendo aproveitada desde a antiguidade e, atualmente, é uma das mais promissoras fontes de energia, podendo vir a substituir, juntamente com outras fontes renováveis, o uso dos combustíveis fósseis, contribuindo para a redução ou extinção dos gases que provocam o efeito estufa.

No Brasil, o uso de energia eólica vem crescendo de maneira expressiva, favorecido pelas boas condições dos nossos ventos, em particular na Região Nordeste, onde eles apresentam velocidade compatível à geração de energia e são unidirecionais e estáveis; acrescentando-se que o poder público começa a se sensibilizar com financiamentos para impulsionar tal atividade energética. No Brasil, o Nordeste, por ser a Região mais favorável para a produção de energia eólica, observa-se uma maior concentração de turbinas geradoras, sendo que o Rio Grande do Norte é o Estado onde mais se produz energia eólica no país, seguido pelo Ceará e Bahia.

O capítulo 9 - “Brasil Urbano” aborda o Nordeste mostrando que essa região do Brasil apresenta a menor média de urbanização, sendo Pernambuco o Estado mais urbanizado e o Maranhão, o menos, inclusive do Brasil. A urbanização em áreas, cuja atividade predominante é a agricultura, expandiu-se com a produção de grãos (soja, milho, café e algodão) no Oeste Baiano e na divisa entre os estados do Ceará e Rio Grande do Norte onde se dá a produção de frutas. A cidade de Mossoró (RN) cresceu com a expansão da produção de frutas tropicais e exploração de petróleo. Os municípios de Juazeiro (BA) e Petrolina (PE) são conhecidos pela produção intensiva de frutíferas, inclusive para exportação, e já contam com produção industrial de vinhos.

### **4.3.3 Percepção Pessoal sobre os Aspectos Geográficos Locais Abordados no Ensino Superior da Região do Crato**

No município do Crato Ceará, a Universidade Regional do Cariri – URCA oferece o curso superior de Geografia às comunidades da região do Cariri e municípios. Do ano de 2008 a 2012, frequentei a referida universidade no curso acima citado. Ainda naquele período



apenas duas disciplinas referindo-se à região do Cariri Cearense eram oferecidas: Geografia do Ceará e Geografia Regional. Particularmente julgo que o conteúdo programático era insuficiente para abordar a região na qual habitamos de forma satisfatória.

Atualmente, no quarto semestre foi introduzida a disciplina “Formação Histórico – Territorial do Cariri”, além de outras três disciplinas optativas: Geografia do Ceará, Geografia do Nordeste e História do Ceará e do Cariri. A importância e interesse despertado por tais temas é comprovada pelo fato de que quase todos os alunos elegem estas disciplinas optativas, em busca de aprofundar o autoconhecimento sobre a região em que vivem. Desta forma, no futuro poderão retransmitir tais conhecimentos aos seus alunos, suprimindo um pouco da carência de abordagem dos livros didáticos de Geografia publicados atualmente para o ensino fundamental e médio, conforme evidenciados neste trabalho.

O curso de Geografia da URCA também mantém convênios que visam fomentar atividades e eventos de natureza teórico-práticos no campo de Geografia e ciências afins, com o objetivo de fomentar a melhoria da qualidade do curso de Geografia e promover uma formação mais consistente e ampla de seus acadêmicos, além de melhor qualificar seu corpo docente.

Estas atividades são organizadas em parcerias com instituições como:

- Secretaria de Educação dos municípios, onde os alunos residem, para prática de estágio no nível de ensino fundamental;
- Secretarias de Educação dos Estados do Ceará e Pernambuco, para estágio dos alunos do curso em nível de ensino médio;
- Geopark Araripe, onde alunos podem desenvolver atividades ligadas aos projetos da universidade, tais como: práticas de campo, visitas técnicas, pesquisas e estágios;
- Museu de Paleontologia da Urca, onde os estudantes podem dedicar-se às práticas extensionistas, de pesquisa e de ensino;
- Universidade Federal do Cariri – UFCA, onde podem ser desenvolvidas parcerias e convênios para realização de programas de qualificação de professores do Departamento de Geociências.

Além destas instituições, o Departamento de Geografia desenvolve parcerias com Organizações não Governamentais – ONGS que atuam no aglomerado urbano do Crajubar, municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha na região do cariri e/ou Região Metropolitana do Cariri – RM Cariri. Os sindicatos e demais entidades civis organizadas, que possam contribuir com o projeto de formação do curso de Geografia, também são campos possíveis de parcerias.

## 5 CONCLUSÕES E PROPOSTAS

Atualmente, com tantas revoluções metodológicas, o livro didático ainda é o recurso mais utilizado nas salas de aula em nosso país; os programas implantados no Brasil depois de 1930 melhoraram muito a qualidade e o acesso a esse material que hoje tem atingido o nível fundamental e médio de ensino. Embora alguns achem que o livro didático é divulgador de uma ideologia dominante, esse material utilizado em sala de aula, tem sido o principal instrumento de estudo usado por docentes e discentes em várias instituições de ensino no Brasil.

A realização dessa pesquisa mostra que o livro didático é o recurso mais utilizado tanto pelos professores, quanto pelos alunos, desde a sequência de conteúdo a ser seguida até a preparação de aulas dos professores e também como fonte de pesquisa e aquisição de conhecimentos por parte dos alunos. A sociedade atual vem sofrendo várias transformações, professores e alunos precisam estar preparados para enfrentá-las.

O Ensino da Geografia pode contribuir para um melhor entendimento dessa maneira de pensar e agir nessa nova sociedade. O estudo da Geografia é voltado para o exercício pleno da cidadania e contribui para a formação de cidadãos críticos e autônomos.

O professor pode contribuir para a formação desses cidadãos, desenvolvendo práticas docentes aplicadas que venham somar tanto para sua profissão, quanto no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. O livro didático, além de um elemento de comunicação entre o professor e o aluno, é um instrumento de direção e orientação das práticas docentes, que visa a uma melhor compreensão do conteúdo estudado.

Os recursos disponibilizados pelo livro didático, como leituras adicionais, curiosidades e experiências, são mais uma alternativa que pode complementar a prática docente, trazendo um resultado satisfatório para ambos os lados. Comprovamos, a partir dessa pesquisa, que o livro didático é um instrumento eficiente no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, mas observamos, também, para que o livro não seja apenas um instrumento de aprendizagem mecânica, que vai depender de como o professor o utiliza.

As intervenções realizadas comprovaram que os recursos existentes no livro didático podem ser uma maneira de inovar sua prática docente, contribuindo, assim, para uma postura reflexiva por parte do professor e colaborando para a construção da autonomia da tomada de decisão por parte do aluno. A pesquisa mostra que apesar de o livro didático ser um dos instrumentos mais antigos utilizados pelos professores, ainda constitui uma ferramenta muito importante no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Referindo-se à análise dos livros didáticos, adotados pelas escolas envolvidas na pesquisa, destacamos a coleção Geografia Contextos e Redes que hoje é uma das mais utilizadas no ensino médio em todo o Brasil. Desde a sua primeira edição, ela já passou por várias atualizações, aperfeiçoando-se mais para facilitar a compreensão dos estudantes e também o trabalho do professor. As críticas feitas sobre os dois livros adotados nas escolas pesquisadas, Geografia Contextos e Redes e Geografia em Rede, é que os conteúdos relacionados à Região Nordeste são insuficientes, deixando o nosso aluno carente quanto à percepção da região em que vive.

A utilização adequada do livro didático é um dos recursos mais disponibilizados porque ele desempenha um importante papel no processo de formação de cidadãos conscientes e atuantes na sociedade em que vivem. Acreditamos, por fim, que o livro didático é uma ferramenta de apoio tanto para o professor, quanto para o aluno e que os recursos disponibilizados por ele são de extrema importância na prática pedagógica docente. Dessa

forma, sugere-se a realização de novos estudos que tenham o livro como sujeito principal e gerador de novos conhecimentos que possam contribuir com o aperfeiçoamento deste importante recurso didático

Podemos concluir que o livro didático é de suma importância para o ensino da Geografia, porque ele chega a ser utilizado antes, durante e depois da aula. Antes da aula, quando o professor faz a leitura do conteúdo; durante a aula com os exercícios propostos e depois, como a principal fonte de estudo para as avaliações aplicadas pelo professor. Então podemos afirmar que nas duas escolas pesquisadas, o livro de Geografia é o recurso didático mais importante para toda prática pedagógica dos professores como também para a aprendizagem dos alunos..

### **5.1 Proposta de Redação de um Livro Didático sobre o Nordeste Brasileiro**

Baseadas nas poucas informações sobre o Nordeste Brasileiro apresentadas nos livros didáticos de Geografia, as professoras Claudia Maisa A. Lins, Edineusa Ferreira Sousa e Vanderléa Andrade Pereira, da cidade de Juazeiro no Estado da Bahia, lançaram a proposta de escrever um livro intitulado: “Educação Básica para Convivência com o Semi-árido - A intenção da construção de um livro didático é para ter a possibilidade de trabalhar com um material que ofereça uma visão mais ampla do semi-árido (nos aspectos ambientais, sociais, culturais, econômicos e políticos). É importante propor um livro que possibilite discutir melhor as peculiaridades da região e as relações desta com o mundo, contribuindo para que se descubra formas apropriadas de convivência, dando uma dimensão motivadora e concreta da própria realidade em movimento, na qual as situações de vida possam ser elementos que possibilitem um espaço, tempo de estudo e aprendizagem.

Atualmente, os livros didáticos utilizados nas escolas acabam por se distanciarem do contexto regional. Os alunos não se vêem, não se reconhecem nos livros, bem como em outros meios de difusão de informações. Os conteúdos, na maioria das vezes, se apresentam sem destino e significado para os alunos porque abordam e valorizam determinadas regiões em detrimento de outras.

O desafio é propor um material didático que valorize a história de vida das pessoas, a linguagem, percebendo a diferença e diversidade como riquezas para a construção de fazeres e saberes das diversas formas de expressão do povo que habita o semi-árido, ter essa história como ponto de partida para a sistematização de conhecimentos, valorizar as histórias contadas pelo povo, as brincadeiras, as vivências, as opções de lazer, as possibilidades de tudo isso ser aproveitado de forma significativa.

É importante incentivar a pesquisa da realidade do lugar onde vivemos, fazendo conexões para compreender o mundo a partir da nossa casa, da nossa história. Realizar projetos comunitários que se estendam para o planejamento de atividades que possam ser desenvolvidas na escola, uma proposta de incentivo à pesquisa, exercitando o processo de conhecer, intervir e transformar. É preciso conhecer partindo do local, do conhecimento concreto. Os alunos precisam saber da viabilidade política, econômica, social e cultural do semi-árido, da capacidade de desenvolvimento, bem como da sua complexidade, da diversidade, da realidade constituída de diversas formas de ver, sentir e viver.

É preciso olhar e entender o semi-árido brasileiro onde está inserida a nossa região para ver suas riquezas, investigar, fazer diagnósticos, descobrir contextos variados, considerando que cada saber e fazer é parte importante e que cada um poderá contribuir para a melhoria e viabilidade da nossa região.

É, portanto, nesta perspectiva que estão elaborando um material didático a partir da proposta de educação contextualizada.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Um século de prática de ensino em Geografia: permanências e mudanças. **Anais... XV Encontro Nacional de Geógrafos**. São Paulo: AGB, 2008.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 3 ed – São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Geografia).
- ALMEIDA, A. M. e VASCONCELLOS C. de M. **Por que visitar museus**. In: BITTENCOURT, C. (org.) O saber histórico na sala de aula. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- ALMEIDA, R.D.; PASSINI, E.Y. **O espaço geográfico: ensino e representação**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ANDRADE, Manoel C. de. **Geografia: Ciência da Sociedade**. Uma introdução à análise do Pensamento Geográfico. 2 ed. São Paulo: Atlas. p. 143, 1992.
- AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **A Geografia do Brasil na Educação Básica**. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3 ed. Brasil. Editora Makron. 2007
- BITTENCOURT, C. et al (org). **O saber histórico na sala de aula**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2004).
- BITTENCOURT, Circe Maria F. **Disciplinas escolares: história e pesquisa**. In. OLIVEIRA, Marcus A. T. de. RANZI, Sterlei M. Fischer. História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate. São Paulo: CDAPH, 2000.
- BITTENCOURT, CIRCE (ORG.). **O saber histórico na sala de aula**. 4 Ed. São Paulo: Contexto 2001.
- BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2010: Geografia**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.
- BRASIL, **Ministério da Educação. Guia de Livros Didáticos –PNLD 2008 - CIÊNCIAS**. Brasília: 2008.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2000.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Geografia / Secretaria de Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Geografia.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia é ensinada nas séries iniciais?** Ou aprende-se Geografia nas séries iniciais. In: TONINI, Ivaine Maria. O ensino da Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2014.

CARNEIRO, M. H. da S.; SANTOS, W. L. P. dos; MÓL, G. de S. Livro Didático inovador e professores: uma tensão a ser vencida. **Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 7, v. 2, dez 2005.

CARVALHO Delgado de. **Geografia do Brasil**: livro adaptado no Colégio Pedro II. 9 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1938.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus. 1989.

CASTELLAR, Sônia. VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2011

CAVALCANTI, Lana de SOUZA, a cidade **A Geografia escolar e a cidade**: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana, Campinas, São Paulo:papirus 2008 (coleção magistério: formação e trabalho pedagógico)

CHOPPIN, Alain. **História dos livros e das edições didáticas**: sobre o estado da arte. [online] Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.3, p 549-566,set./dez. 2004. Tradução de Maria Adriana C. Cappello. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n3/a12v30n3.pdf>. Acesso em 20 mar.2012.

**Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho, educação e o papel social da escola**. IN: FRIGOTTO, Gaudêncio (org). Educação e crise do trabalho: perspectiva de final de século. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

DUTRA, Marcus Vinicius Siqueira. **As identidades nacionais nos livros didáticos de Geografia de Ensino Médio**. (Dissertação) Mestrado em Educação, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, p. 187, 2010.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, p. 117, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 82, 2003.

GASPARINI, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. João Luiz Gasparin. 2.Ed. Campinas-SP: Autores associados, 2003.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 368 p.

GOULART, Lígia. Beatriz, **Aprendizagem e ensino: uma aproximação necessária à aula de Geografia**. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (orgs.) Ensino de Geografia e suas composições curriculares: UFRGS, 2011.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. Sua história. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

KANASHIRO, C.S. **Livro didático de Geografia: PNLD, materialidade e uso na sala de aula.** Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo. p.163, 2008.

KUENZER, A. Z. **Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho, educação e o papel social da escola.** IN: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectiva de final de século. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAJOLO, M. O. Livro didático: um quase manual de usuário. In **Em aberto – o Livro Didático e qualidade de ensino**, Brasília: INEP, n 69, ano 16, jan./fev., 1996

LIBÂNEO, José Carlos: **DIDÁTICA**, São Paulo: Cortez, 1994

PARO, V. H. **Educação integral em tempo integral:** Uma concepção de educação para a modernidade.in: COELHO, Lígia Martha C. C. da. Et Al. (Org.) Educação integral em tempo integral: estudos e experiências em processo. Petrópolis – RJ: DP; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

PERUZZI, H. U. et.al. Livros Didáticos, Analogias e Mapas Conceituais no Ensino de Célula. In: ARAGÃO, R. M. R. de; SCHNETZLER, R. P.; CERRI, Y. L. N. S. (Org.). **Modelo de Ensino:** Corpo Humano, Célula, Reações de Combustão. Piracicaba, São Paulo: UNIMEP/CAPES/PROIN, 2000.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual.** Dissertação (Mestrado em Geografia). CCEN – UFPB, p. 132, 2007.

PINA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. **A relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia** – João Pessoa, 2009. f.15 .

PINHEIRO, Antonio Carlos. **O ensino de Geografia no Brasil.** Catálogo de dissertações e teses (1967-2003). Goiânia: Editora Vieira, 2005. 285 p.

PONTUSCHKA, NídiaNacib. **Para ensinar e aprender Geografia.** São Paulo: Cortez, 2007.

PONTUSCHKA, NídiaNacib: **O Livro Didático de Geografia.** In PONTUSCHKA, N.;

PONTUSCHKA, N. N. ; PAGANELLI, T. I. ; CACETE, N. H. . **Para ensinar e aprender Geografia.** 1ª. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

PONTUSCHKA, M. N.; OLIVEIRA A. U. de. **Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa.** 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RIBEIRO, Maria Luísa S. **História da Educação Brasileira: a organização escolar.** 16 ed. Campinas: Autores Associados. Coleção Memórias da Educação. p. 207, 2000.

ROCHA, Genilton Odilon Rêgo da. **O currículo oficial para o ensino de Geografia: as prescrições oficiais do Estado brasileiro (1995-2010).** In: A formação docente em Geografia: teorias e práticas. Campina grande: EDUFCEG, p. 187-218, 2014.

ROJO, Roxane. Série TV Brasil. **Materiais didáticas escolhas e usos**. Boletim. 14 agosto de 2005.

SANTOS, Wildson Luiz; CARNEIRO, Maria Helena da Silva. **Livro Didático de Ciências: Fonte de informação ou apostila de exercícios**. In: Contexto e Educação: Ano 21. Julho/dezembro, Ijuí: Editora Unijuí. 2006.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2. Ed. Ver. E ampl. Campinas-SP:Autores associados, 2008.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico crítica: primeiras aproximações**. 8ª Ed.Campinas, SP: 1995.

SILVA, Jeane Medeiros. **A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de Geografia na ótica da Análise do Discurso**. 2006. 275 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) –Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SPÓSITO, M. E. **As diferentes propostas curriculares e o livro didático**. IN: PONTUSCHKA, M. N.; OLIVEIRA A. U. de. Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2004.


TONINI, Ivaine Maria. **Livro didático: textualidades em rede** In. O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

VLACH, Vânia Rubia Farias. **O ensino de Geografia no Brasil: uma perspectiva histórica**. In: VESENTINI, José William (Org.). O ensino de Geografia no século XXI. São Paulo: Papyrus, 2004. p. 187-218.

VLACH, Vânia Rubia Farias. **A propósito do Ensino de Geografia: em questão, o nacionalismo patriótico**. 206 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

## APÊNDICES

### Apêndice A - Questionário de Pesquisa Aplicado a Gestores e Professores

 <b>UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO</b> <b>INSTITUTO DE AGRONOMIA</b> <b>PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA – PPGEA</b>
Data da Entrevista:    /    /
Nome da Escola:
Nome do Professor (Opcional):
Turma/Grau de Ensino que Leciona:

**1) Quais os livros de Geografia adotados por você (título, autor, edição, ano)?**

<b>Livro 1:</b>	
<b>Livro 2:</b>	
<b>Livro 3:</b>	

**2) Você acha que estes livros abordam de forma completa e suficiente o que o aluno do Ensino Médio do Crato necessita para conhecer sobre a Geografia e o Meio Ambiente?**

- Sim  
 Não

**3) Marque as opções que correspondem às suas opiniões acerca do conteúdo programático dos livros didáticos abordados:**

- Há conteúdo fora do contexto da realidade ambiental da nossa região.  
 Os livros deveriam ser direcionados à realidade ambiental onde o aluno se insere.  
 Julgo o livro didático como a ferramenta mais importante para a assimilação no processo de aprendizado.  
 Outras opiniões (escreva abaixo):

---

---

---



**4) Você utiliza outros recursos para complementar o que julga relevante ao aprendizado do aluno e os livros não contemplam?**

Sim  Não

**Em caso afirmativo, marque os recursos que você adota:**

Vídeos: Documentários, Youtube, etc

Redes Sociais: Facebook, Twitter, Instagram, etc.

Mapas Digitais: Google Maps, Google Earth, etc.

Saídas a campo para atividades externas

Outros: \_\_\_\_\_

**5) Quais os meios de avaliação você utiliza para avaliar o aprendizado do aluno no ensino de sua disciplina?**

Prova Escrita

Prova Prática

Trabalhos e Seminários apresentados em individualmente ou em grupo

Questionários para avaliação e manifestação do aluno quanto à avaliação da disciplina

Outros: \_\_\_\_\_

## **7 APÊNDICE**

Apêndice A - Questionário de Pesquisa Aplicado aos Alunos



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA – PPGEA**

**Data da Entrevista:**    /    /

**Nome da Escola:**

**Nome do Aluno (Opcional):**

**Turma/Grau de Ensino:**

**1) Qual a importância da disciplina de Geografia?**

- Muito importante
- Média importância
- Pouco importante

**2) Você acha que a disciplina de Geografia é mais decorativa e não precisa compreender o conteúdo somente decorar o assunto para prova?**

- Sim
- Não

**Por quê?**

---

---

---

**3) O livro didático que você usa é suficiente para entender Geografia?**

- Sim
- Não

**4) O que falta no livro didático que você usa e que poderia tornar o seu aprendizado mais interessante e eficiente?**

No livro didático tenha material em anexo como: mapas, DVD, globos, dentre outros recursos.

Não precisa de livro didático para estudar Geografia, outros recursos seria melhor aproveitado para entender os assunto dessa disciplina.

**5) Além do livro didático, há a necessidade de utilizar outros meios pedagógicos para a melhoria do ensino da disciplina?**

Sim

Não

**Em caso afirmativo, marque os recursos que você adota:**

Vídeos: Documentários, Youtube, etc

Redes Sociais: Facebook, Twitter, Instagram, etc.

Mapas Digitais: Google Maps, Google Earth, etc.

Saídas a campo para atividades externas

Outros (escreva abaixo)

---

---

---

**6) Como aluno da disciplina de Geografia, o conteúdo do livro didático é suficiente para que você conheça a Geografia da sua região?**

Sim

Não

**Por quê?**

---

---

---